



VIOLÊNCIA CONTRA ESCOLAS NO BRASIL

perspectivas sobre o extremismo entre jovens e estratégias de prevenção

VIOLENCIA CONTRA LAS ESCUELAS EN BRASIL: perspectivas sobre el extremismo entre jóvenes y estrategias de prevención

VIOLENCE AGAINST SCHOOLS IN BRAZIL: perspectives on extremism among youth and prevention strategies

conectar
Aproximando pessoas para superar a violência às escolas

INSTITUTO
AURORA
EDUCAR EM DIREITOS HUMANOS

Latinoamérica21




VIOLÊNCIA CONTRA ESCOLAS NO BRASIL

perspectivas sobre o extremismo entre jovens e estratégias de prevenção

VIOLENCIA CONTRA LAS ESCUELAS EN BRASIL: perspectivas sobre el extremismo entre jóvenes y estrategias de prevención

VIOLENCE AGAINST SCHOOLS IN BRAZIL: perspectives on extremism among youth and prevention strategies

 **conectar**
Aproximando pessoas para superar a violência às escolas

INSTITUTO
AURORA
EDUCAR EM DIREITOS HUMANOS

Latinoamérica21

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Violência contra escolas no Brasil [livro eletrônico] : perspectivas sobre o extremismo entre jovens e estratégias de prevenção = Violencia contra las escuelas en Brasil: perspectivas sobre el extremismo entre jóvenes y estrategias de prevención = Violence against schools in Brazil: perspectives on extremism among youth and prevention strategies / coordenação André Bakker da Silveira. -- Curitiba, PR : Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos, 2024. PDF

Edição trilingue : português/inglês/ espanhol.

Vários autores.

Vários ilustradores.

ISBN 978-65-982829-0-5

1. Crianças e adolescentes - Vítimas de violência 2. Direitos humanos 3. Educação - Aspectos sociais 4. Educação - Brasil 5. Violência nas escolas I. Silveira, André Bakker da. II. Título: Violencia contra las escuelas en Brasil: perspectivas sobre el extremismo entre jóvenes y estrategias de prevención. III. Título: Violence against schools in Brazil: perspectives on extremism among youth and prevention strategies.

24-194988

CDD-371.782

Índices para catálogo sistemático:

1. Escolas : Violência contra crianças : Educação
371.782

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Expediente

Créditos | Credits

Organização

Organización | Organization

Instituto Aurora para Educação em
Direitos Humanos

Coorganização

Coorganización | Co-organization

LatinoAmérica 21

Coordenação

Coordinación | Coordination

Instituto Aurora

André Bakker da Silveira

Autoria

Autores | Authors

André Bakker da Silveira

Bruna Camilo de Souza Lima e Silva

Bruno Ferreira

Clara Ramírez Barat

Danielle Tsuchida

Ester Athanásio

Lucas José Ramos Lopes

Mariana Ochs

Luís Carlos Petry

Michele Bravos

Miriam Abramovay

Paula Alves

Rudá Ricci

Edição

Edición | Editing

Instituto Aurora

André Bakker da Silveira

Mayumi Maciel

Michele Bravos

Latinoamérica 21

Carolina Marins

Jerónimo Giorgi

María del Carmen Villarreal Villamar

Revisão

Revisión | Proofreading

Instituto Aurora

André Bakker da Silveira

Mayumi Maciel

Michele Bravos

Priscila Buares

Latinoamérica 21

Adriana Ramírez

Giulia Gaspar

Janaína Ruviaro

Maria Isabel Santos Lima

Tradução

Traducción | Translation

Latinoamérica 21

Giulia Gaspar

Janaína Ruviaro

Maria Isabel Santos Lima

Diagramação

Disposición | Layout

Instituto Aurora

Raquel Sales

Imagem da capa

Imagen de portada | Cover image

Tom Barrett | Unsplash

2024



4.0 Internacional

Esta licença permite o download e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-la ou utilizá-la para fins comerciais.

SOBRE O INSTITUTO AURORA

SOBRE EL INSTITUTO AURORA | ABOUT INSTITUTO AURORA

Com atuação desde 2017, o Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos tem como missão promover e defender a educação em direitos humanos, ampliando a compreensão do tema e promovendo diálogos para o reconhecimento das diferenças e a construção da paz. Atuamos com populações vulneráveis e não-vulneráveis, com especial atenção aos jovens, a meninas e mulheres, e a servidores públicos de áreas estratégicas de mudança, como: da justiça, da segurança pública e da educação. Desde 2020, produzimos pesquisas sobre o contexto institucional da Educação em Direitos Humanos no Brasil. Assim, todos os nossos projetos estão alinhados com a Agenda 2030 da ONU.

Desejamos que nossa organização seja reconhecida por educar em direitos humanos de forma dialógica, plural e despolarizada. Almejamos integrar um país socialmente justo, livre de desigualdades e preconceitos, e que compreenda a sua humanidade compartilhada.

O Instituto Aurora já esteve presente no conselho consultivo da ouvidoria externa da Defensoria Pública do Paraná, na Comissão de Estudos de Violência de Gênero da OAB/PR. Atualmente, integra a Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos na seção Paraná e na Comissão Municipal de Direitos Humanos de Curitiba e a Comissão Nacional de Políticas Educacionais em Direitos Humanos do Ministério da Educação (MEC). Site institutoaurora.org

ES En funcionamiento desde 2017, el Instituto Aurora para la Educación en Derechos Humanos tiene como misión promover y defender la educación en derechos humanos, ampliando la comprensión del tema y promoviendo diálogos para reconocer las diferencias y construir la paz. Trabajamos con poblaciones vulnerables y no vulnerables, con especial atención a jóvenes, niñas y mujeres, y empleados estatales en áreas estratégicas de cambio, como justicia, seguridad pública y educación. Desde el año 2020, producimos investigaciones sobre el contexto institucional de la Educación en Derechos Humanos en Brasil. Por lo tanto, todos nuestros proyectos están alineados con la Agenda 2030 de la ONU

Queremos que nuestra organización sea reconocida por educar en derechos humanos de forma dialógica, plural y no divergente. Que integremos un país socialmente justo, libre de desigualdades y prejuicios, y que comprenda su humanidad compartida.

El Instituto Aurora ya estuvo presente en el consejo asesor de la defensoría externa de la Defensa Pública de Paraná y en la Comisión de Estudios sobre Violencia de Género de la OAB/PR. Actualmente forma parte de la Red Brasileña de Educación en Derechos Humanos en la sección Paraná, de la Comisión Municipal de Derechos Humanos de Curitiba y de la Comisión Nacional de Políticas Educativas en Derechos Humanos del Ministerio de Educación (MEC). Sitio web: institutoaurora.org

EN Operating since 2017, the mission of the Aurora Institute for Human Rights Education is to promote and defend human rights education, expanding the understanding of the subject and promoting dialogues to recognize differences and build peace. We work with vulnerable and non-vulnerable populations, with special attention to young people, girls and women, and public servants in strategic areas of change, such as: justice, public security, and education. Since 2020, we have produced research on the institutional context of Human Rights Education in Brazil. Thus, all of our projects are aligned with the UN 2030 Agenda.

We want our organization to be recognized for educating on human rights in a dialogical, plural and depolarized way. May we integrate a socially fair country, free from inequalities and prejudice, and that understands its shared humanity.

The Aurora Institute has already been present on the advisory board of the external ombudsperson of the Public Defender's Office of Paraná and on the Commission for Gender Violence Studies of the Paraná Bar Association (OAB/PR). Currently, we are part of the Brazilian Human Rights Education Network in the Paraná section, of the Curitiba Municipal Human Rights Commission, and of the National Commission for Educational Policies on Human Rights of the Ministry of Education (MEC). Website: institutoaurora.org

SOBRE O LATINOAMÉRICA 21

SOBRE LATINOAMÉRICA 21 | ABOUT LATINOAMÉRICA 21

Latinoamérica21 (L21) é um meio de comunicação e uma plataforma de conteúdos que reúne uma ampla comunidade de especialistas e acadêmicos, que produzem textos de análise e opinião sobre questões políticas, econômicas e sociais na América Latina. Através da livre difusão de opiniões especializadas e diversas, buscamos contribuir para melhorar a capacidade de julgamento crítico dos cidadãos sobre os principais temas que ocorrem na região.

Buscamos, também, fomentar a democracia e o diálogo, visando uma cultura de paz e de não-violência e queremos promover a liberdade de expressão em linha com os objetivos da Comunicação para o Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e a Agenda 2030 das Nações Unidas. Site latinoamerica21.com

ES Latinoamérica21 (L21) es un medio de comunicación y una plataforma de contenidos que reúne a una amplia comunidad de expertos y académicos, que producen textos de análisis y opinión sobre temas políticos, económicos y sociales de América Latina. A través de la libre difusión de opiniones expertas y diversas, buscamos contribuir a mejorar la capacidad de juicio crítico de los ciudadanos sobre los principales temas que ocurren en la región.

Buscamos además fomentar la democracia y el diálogo con miras a una cultura de paz y no violencia y queremos promover la libertad de expresión en línea con los objetivos de la Comunicación para el Desarrollo de la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO) y la Agenda 2030 de las Naciones Unidas. Sitio web: latinoamerica21.com

EN Latinoamérica21 (L21) is a media and content platform that brings together a broad community of experts and academics who produce analysis and opinion texts on political, economic, and social issues in Latin America. Through the free dissemination of highly qualified and diverse points of view, we seek to contribute to the improvement of the critical opinion of citizens on the main issues taking place in the region.

We also seek to foster democracy and dialogue, looking to a culture of peace and non-violence. We want to promote freedom of expression in line with the objectives of Communication for Development of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) and the United Nations 2030 Agenda. Website: latinoamerica21.com

APRESENTAÇÃO

Presentación | Presentation

Este *ebook*, resultado da primeira fase do projeto (Re)conectar: aproximando pessoas para superar a violência às escolas, do Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos, é fruto do esforço conjunto de pessoas e organizações sensíveis à dura realidade que passou a fazer parte do cotidiano brasileiro no presente: o extremismo político-ideológico e a violência que dele resulta. As escolas e demais instituições de ensino, por estarem profundamente inseridas no contexto social e cultural (como devem estar), tristemente, tornaram-se palco de uma forma nefasta de violência que tenta transformar as escolas de espaços de convivência com e na diversidade em espaços de intolerância; de espaços de integração, socialização e educação, em alvo.

Esta obra busca revelar componentes desse novo fenômeno, apresentando elementos para um diagnóstico atual e caminhos para o enfrentamento desse mal, constituindo-se, assim, como uma porta de entrada para pessoas interessadas na temática, especialmente, para educadoras e educadores e para toda a comunidade escolar.

As autoras e autores que participaram deste compilado possuem trajetórias acadêmicas e em trabalhos de impacto social com organizações da sociedade civil, por isso, são capazes de apresentar múltiplos olhares para o extremismo e para a violência extrema contra as escolas, revelando camadas e nuances nem sempre aparentes.

Os textos nos ajudam a compreender parte das raízes desse problema, como a radicalização ideológica, o papel das redes sociais, o desamparo social e os variados tipos de violência que acometem e estão presentes na escola e que podem ensejar casos mais extremos. Por outro lado, os artigos também apontam para um horizonte de trabalho por meio das políticas públicas e da construção de espaços propriamente inclusivos e acolhedores que promovam uma cultura de respeito aos direitos humanos, uma potente ferramenta para a desmobilização do ódio.

Agradecemos à Coalizão pelo Fim da Violência contra Crianças e Adolescentes, à FLACSO, ao Instituto Auschwitz, ao Instituto Cultiva, ao Instituto Palavra Aberta, à Visibilidade Feminina e ao Instituto Sou da Paz – e em seus nome às autoras e autores – pela dedicação na construção deste livro. E agradecemos, especialmente, a parceria com o portal LatinoAmérica 21 e seus canais associados em todo o continente americano.

ES Este libro electrónico, resultado de la primera fase del proyecto o (Re)conectar: aproximando personas para superar la violencia contra las escuelas, de Instituto Aurora para Educación en Derechos Humanos, es el resultado del esfuerzo conjunto de personas y organizaciones sensibles a la dura realidad que se ha convertido en parte de la vida cotidiana en Brasil: el extremismo político-ideológico y la violencia que resulta de ello. Las escuelas y otras instituciones educativas, al estar profundamente arraigadas en el contexto social y cultural (como deberían ser), lamentablemente se han convertido en el escenario de una forma perjudicial de violencia que intenta transformar las escuelas de espacios de convivencia con y en la diversidad en espacios de intolerancia; de espacios de integración, socialización y educación, en objetivo.

Este trabajo busca revelar componentes de este nuevo fenómeno, presentando elementos para un diagnóstico y formas de mirar este mal, constituyendo así una puerta de entrada para personas interesadas en el tema, especialmente educadores y toda la comunidad escolar.

Los autores que participaron en esta compilación tienen trayectorias académicas y trabajos de impacto social con organizaciones de la sociedad civil, por lo tanto, son capaces de presentar múltiples perspectivas sobre el extremismo y la violencia contra las escuelas, revelando capas y matices que no siempre son evidentes.

Los artículos nos ayudan a comprender parte de las raíces de este problema, como la radicalización ideológica, el papel de las redes sociales, la impotencia social y los diferentes tipos de violencia que afectan las escuelas y que pueden llevar a casos más extremos. Por otro lado, los artículos también señalan un horizonte de trabajo a través de políticas públicas y la construcción de espacios verdaderamente inclusivos y acogedores que promuevan una cultura de respeto a los derechos humanos, una herramienta poderosa para desmovilizar el odio.

EN This ebook, an outcome of the project (Re)connecting: bringing people together to overcome violence against schools”, carried out by the Aurora Institute, is the result of a collective effort by individuals and organizations sensitive to the harsh reality that has become part of daily life in Brazil today: political-ideological extremism and the ensuing violence. Unfortunately, schools and other educational institutions, deeply intertwined with the social and cultural context as they should be, have become a stage for a terrible form of violence. This violence attempts to transform schools from spaces of coexistence with and in diversity into arenas of intolerance and from places for integration, socialization, and education into targets.

This work aims to unveil components of this new phenomenon, providing elements for diagnosis and ways to confront this issue. It serves as a gateway for those interested in the subject, especially educators and the entire school community.

The authors involved in this compilation come from academic backgrounds and engage in impactful social work with civil society organizations. Therefore, they bring multiple perspectives on extremism and extreme violence against schools, revealing layers and nuances that are not always apparent.

The articles help us comprehend the roots of this problem, such as ideological radicalization, the role of social networks, perceived social helplessness, and the various types of violence that affect and are present in schools that can lead to more extreme cases. Conversely, the articles also point towards a horizon of work through public policy and the construction of genuinely inclusive and welcoming spaces that promote a culture of respect for human rights—a powerful tool for demobilizing hate.

We express our gratitude to the Coalizão pelo Fim da Violência contra Crianças e Adolescentes, FLACSO, Instituto Auschwitz, Instituto Cultiva, Instituto Palavra Aberta, Visibilidade Feminina,

Agradecemos a Coalizão pelo Fim da Violência contra Crianças e Adolescentes, FLACSO, el Instituto Auschwitz, el Instituto Cultiva, el Instituto Palavra Aberta, la Visibilidade Feminina y el Instituto Sou da Paz y en su nombre a los autores, por su dedicación en la construcción de este libro. Estamos especialmente agradecidos por la colaboración con LatinoAmérica 21 y sus canales asociados en todo el continente americano.

and Instituto Sou da Paz—along with their authors—for their dedication to constructing this book. Special thanks go to the partnership with LatinoAmérica 21 and its associated channels throughout the American continent.

André Bakker da Silveira

Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos
Instituto Aurora para Educación en Derechos Humanos
Instituto Aurora for Human Rights Education

PREFÁCIO

Prefacio | Foreword

Evitar a próxima tragédia nas escolas depende de todos nós

Com casos emblemáticos como o massacre escolar de Columbine em 1999, a violência escolar constitui uma realidade global que tem crescido de forma alarmante no Brasil. Segundo o relatório “Ataque às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental”, elaborado pelo Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas do Ministério da Educação, só no período 2002-2023 se registraram 36 ataques, provocando dezenas de mortos e feridos, bem como um clima generalizado de medo e insegurança.

As causas deste processo são múltiplas, mas é o extremismo violento o principal fator mobilizador. Apesar de que ainda não existe uma definição universalmente aceita de extremismo violento, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), este fenômeno “se refere às crenças e ações das pessoas que apoiam ou usam a violência para alcançar objetivos ideológicos, religiosos ou políticos”. Isso pode incluir “terrorismo e outras formas de violência politicamente motivada”.

O aumento do extremismo violento e a ameaça que supõe para todas as sociedades levou a Assembleia Geral das Nações Unidas a declarar o dia 12 de fevereiro como o Dia Internacional para a Prevenção do Extremismo Violento que Leva ao Terror, mediante a resolução 77/243. A ONU, as organizações da sociedade civil e os especialistas que estudam o tema reconhecem que a formação, a proteção e a promoção dos direitos humanos desde a infância contribuem para prevenir e combater o extremismo violento.

O presente Ebook, coorganizado pelo Instituto Aurora e Latinoamérica21, é uma fonte acessível e gratuita para o grande público e busca sensibilizar sobre a violência contra as escolas no Brasil e promover uma discussão qualificada sobre o assunto. A obra reúne 7 artigos escritos por 13 especialistas acadêmicos e de organizações da sociedade civil que analisam desde diferentes perspectivas a crescente violência nas escolas no Brasil, suas raízes, modalidades e consequências. Os artigos que compõem o Ebook apresentam também recomendações de ações e políticas públicas para prevenir este fenômeno e tornar as comunidades escolares parte da solução contra esse tipo de violência. Além disso, os textos buscam fomentar nas escolas uma gestão democrática e uma cultura de paz e direitos humanos.

Latinoamérica21 (L21) é um meio de comunicação e uma plataforma de conteúdos que reúne uma ampla rede de acadêmicos e especialistas com o fim produzir textos de análise, opinião e divulgação científica sobre questões políticas, econômicas e sociais da América Latina. Desde a sua fundação, o projeto busca fomentar a democracia e o diálogo, visando uma cultura de paz e de não-violência e quer promover a liberdade de expressão em linha com os objetivos da Comunicação para o Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e

a Cultura (UNESCO) e a Agenda 2030 das Nações Unidas. A partir desta vocação ficamos muito felizes de poder colaborar com o Instituto Aurora, mediante a edição e publicação dos textos aqui apresentados, multiplicando o impacto deles através da sua tradução para o espanhol e inglês, bem como através da reprodução nos mais de 20 meios de comunicação internacionais associados ao projeto.

Os textos editados, traduzidos e publicados ao longo de 2023 como fruto da parceria entre o Instituto Aurora e o Instituto Aurora, integram hoje este Ebook que busca se posicionar como uma importante ferramenta de formação e sensibilização sobre a violência contra as escolas. A obra coorganizada em formato trilingue (português, espanhol e inglês) está dirigida para educadores, famílias, pesquisadores, funcionários públicos, gestores, jornalistas e demais interessados em conhecer o que é, como funciona e como podemos lidar, combater e prevenir a violência contra as escolas. Acreditamos que além de promover uma discussão séria sobre um problema que nos afeta a todos, os textos aqui reunidos constituem também um ponto de partida para pensar em estratégias coletivas de prevenção e políticas públicas que nos permitam construir um Brasil melhor onde as escolas possam ser um ambiente social seguro e um espaço de acolhida, convivência, respeito, diálogo e cooperação.

Boa leitura!

ES Evitar la próxima tragedia en las escuelas depende de todos

Con casos emblemáticos como la masacre escolar de Columbine en 1999, la violencia escolar constituye una realidad global que ha crecido de manera alarmante en Brasil. Según el informe "Ataque a las escuelas en Brasil: análisis del fenómeno y recomendaciones para la acción gubernamental", elaborado por el Grupo de Trabajo de Expertos en Violencia en las Escuelas del Ministerio de Educación, sólo en el período 2002-2023 se registraron 36 ataques, provocando decenas de muertos y heridos, así como un clima generalizado de miedo e inseguridad.

Las causas de este proceso son múltiples, pero el extremismo violento es el principal factor movilizador. Aunque aún no existe una definición universalmente aceptada de extremismo violento, según la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO), este fenómeno "se refiere a las creencias y acciones de personas que apoyan o usan la violencia para alcanzar objetivos ideológicos, religiosos o políticos". Esto

EN Avoiding the next tragedy in schools depends on all of us

With emblematic cases like the Columbine High School massacre in 1999, school violence is a global reality that has been growing alarmingly in Brazil. According to the report "Attack on Schools in Brazil: analysis of the phenomenon and recommendations for government action" prepared by the Working Group of Experts on School Violence of the Ministry of Education, 36 attacks were registered only in the period 2002-2023, causing dozens of deaths and injuries, as well as a widespread atmosphere of fear and insecurity.

The causes of this process are multiple, but violent extremism is the main mobilizing factor. Although there is still no universally accepted definition of violent extremism, according to the United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization (UNESCO), this phenomenon "refers to the beliefs and actions of people who support or use violence to achieve ideological, religious, or political goals." This can include "terrorism and other forms of politically motivated violence."

puede incluir "terrorismo y otras formas de violencia políticamente motivada".

El aumento del extremismo violento y la amenaza que representa para todas las sociedades llevaron a la Asamblea General de las Naciones Unidas a declarar el 12 de febrero como el Día Internacional para la Prevención del Extremismo Violento que Conduce al Terror, mediante la resolución 77/243. La ONU, las organizaciones de la sociedad civil y los expertos que estudian el tema reconocen que la formación, la protección y la promoción de los derechos humanos desde la infancia contribuyen a prevenir y combatir el extremismo violento.

Este E-book, coorganizado por el Instituto Aurora y Latinoamérica21, es una fuente accesible y gratuita para el gran público y busca sensibilizar sobre la violencia contra las escuelas en Brasil y promover una discusión calificada sobre el tema. La obra reúne 7 artículos escritos por 13 especialistas académicos y de organizaciones de la sociedad civil que analizan desde diferentes perspectivas la creciente violencia en las escuelas en Brasil, sus raíces, modalidades y consecuencias. Los artículos que componen el E-book también presentan recomendaciones de acciones y políticas públicas para prevenir este fenómeno y hacer que las comunidades escolares sean parte de la solución contra este tipo de violencia. Además, los textos buscan fomentar en las escuelas una gestión democrática y una cultura de paz y derechos humanos.

Latinoamérica21 es un medio de comunicación y una plataforma de contenidos que reúne a una amplia red de académicos y especialistas con el fin de producir textos de análisis, opinión y divulgación científica sobre cuestiones políticas, económicas y sociales de América Latina. Desde su fundación, el proyecto busca fomentar la democracia y el diálogo, con el objetivo de promover una cultura de paz y no violencia, y quiere promover la libertad de expresión en línea con los objetivos de la Comunicación para el Desarrollo de UNESCO y la Agenda

The increase in violent extremism and the threat it poses to all societies led the United Nations General Assembly to declare February 12th as the International Day for the Prevention of Violent Extremism Leading to Terrorism, through resolution 77/243. The UN, civil society organizations, and experts studying the subject recognize that education on, protection, and promotion of human rights from childhood contribute to prevent and combat violent extremism.

This Ebook, co-organized by the Aurora Institute and Latinoamérica21 (L21), is an accessible and free resource for the general public and aims to raise awareness about violence against schools in Brazil and promote qualified discussion on the subject. The work brings together 7 articles written by 13 academic experts and representatives of civil society organizations that analyze the growing violence in schools in Brazil from different perspectives, including its roots, modalities, and consequences. The articles in the Ebook also present recommendations for actions and public policies to prevent this phenomenon and make school communities part of the solution against this type of violence. Additionally, the texts aim to promote democratic management and a culture of peace and human rights in schools.

Latinoamérica21 is a media outlet and content platform that gathers a broad network of academics and specialists to produce analysis, opinion, and scientific dissemination texts on political, economic, and social issues in Latin America. Since its foundation, the project aims to promote democracy and dialogue, fostering a culture of peace and non-violence, and advocating for freedom of expression in line with the goals of the Communication for Development of UNESCO and the 2030 Agenda of the United Nations. From this commitment, we are pleased to collaborate with the Aurora Institute through the editing and publication of the presented texts, multiplying their impact through translation into Spanish and English, as well as through reproduction in more than 20 international

2030 de las Naciones Unidas. A partir de esta vocación, nos complace colaborar con el Instituto Aurora, mediante la edición y publicación de los textos aquí presentados, multiplicando su impacto a través de su traducción al español e inglés, así como a través de la reproducción en los más de 20 medios de comunicación internacionales asociados al proyecto.

Los textos editados, traducidos y publicados a lo largo de 2023 como resultado de la colaboración entre Latinoamérica21 y el Instituto Aurora, forman parte de este E-book que busca posicionarse como una herramienta importante de formación y sensibilización sobre la violencia contra las escuelas. La obra coorganizada en formato trilingüe (portugués, español e inglés) está dirigida a educadores, familias, investigadores, funcionarios públicos, gestores, periodistas y otros interesados en conocer qué es, cómo funciona y cómo podemos abordar, combatir y prevenir la violencia contra las escuelas. Creemos que, además de fomentar una discusión seria sobre un problema que nos afecta a todos, los textos aquí reunidos también constituyen un punto de partida para pensar en estrategias colectivas de prevención y políticas públicas que nos permitan construir un Brasil mejor, donde las escuelas puedan ser un entorno social seguro y un espacio de acogida, convivencia, respeto, diálogo y cooperación.

¡Buena lectura!

media outlets associated with the project.

The texts edited, translated, and published throughout 2023 as a result of the partnership between Latinoamérica21 and the Aurora Institute are now part of this Ebook that seeks to position itself as an important tool for education and awareness about violence against schools. The work, co-organized in a trilingual format (Portuguese, Spanish, and English), is aimed at educators, families, researchers, public officials, managers, journalists, and others interested in understanding what violence against schools is, how it works, and how we can address, combat, and prevent it. We believe that, in addition to fostering a serious discussion about a problem that affects us all, the texts presented here also serve as a starting point for thinking about collective prevention strategies and public policies that allow us to build a better Brazil where schools can be a safe social environment and a space for welcoming, coexistence, respect, dialogue, and cooperation.

Enjoy your reading!

Maria Villarreal

Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Membro da equipe diretiva de Latinoamérica21.

Profesora de la Universidad Federal Rural de Río de Janeiro (UFRRJ) y del Programa de Posgrado en Ciencia Política de la Universidad Federal del Estado de Río de Janeiro (UNIRIO). Miembro del equipo directivo de Latinoamérica21.

Professor at the Federal Rural University of Rio de Janeiro (UFRRJ) and at the Graduate Program in Political Science at the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO). Member of the management team of Latinoamérica21.

ÍNDICE

Índice / Index

	Apresentação <i>Presentación / Presentation</i>	p. 07
	Prefácio <i>Prefacio / Foreword</i>	p. 10
1	Brasil e a crescente violência nas escolas <i>Brasil y la creciente violencia en las escuelas</i> <i>Brazil and the escalating violence in schools</i> Michele Bravos (Instituto Aurora)	p. 16 p. 20
2	As sociedades em crise favorecem o extremismo e o suicídio entre jovens <i>Las sociedades en crisis favorecen el extremismo y el suicidio entre los jóvenes</i> <i>Societies in crisis favor extremism and suicide among young people</i> Rudá Ricci e Luís Carlos Petry (Instituto Cultiva) André Bakker da Silveira (Instituto Aurora)	p. 25 p. 29
3	Internet e violência escolar <i>Internet y la violencia escolar</i> <i>Internet and school violence</i> Mariana Ochs e Bruno Ferreira (Instituto Palavra Aberta) Ester Athanásio (Instituto Aurora)	p. 35 p. 38
4	O ódio a mulheres na raiz do extremismo violento <i>El odio a la mujer en la raíz del extremismo violento</i> <i>Hatred of women in the root of violent extremism</i> Bruna Camilo (Visibilidade Feminina) Michele Bravos (Instituto Aurora)	p. 44 p. 47
5	O papel das escolas na prevenção ao extremismo violento <i>El papel de las escuelas en la prevención del extremismo violento</i> <i>The role of schools in preventing violent extremism</i> Miriam Abramovay (FLACSO) e Lucas José Ramos Lopes (Coalizão Brasileira pelo Fim da Violência contra Crianças e Adolescentes) André Bakker da Silveira (Instituto Aurora)	p. 52 p. 55
6	Como é a escola que queremos para nossas juventudes no Brasil? <i>¿Qué escuela queremos para nuestros jóvenes en Brasil?</i> <i>What school do we want for our young people in Brazil?</i> Clara Ramírez Barat e Paula Alves (Instituto Auschwitz) Michele Bravos (Instituto Aurora)	p. 60 p. 64
7	A cultura dos direitos humanos vencerá o ódio? <i>¿La cultura de los derechos humanos ganará al odio?</i> <i>Will the culture of human rights overcome hatred?</i> Danielle Tsuchida (Instituto Sou da Paz) André Bakker da Silveira (Instituto Aurora)	p. 69 p. 73
	Agradecimentos <i>Agradecimientos / Acknowledgment</i>	p. 78

“

Eu estou tentando ficar bem. Se eu falar que não tenho medo, vou estar mentindo, tem dia que me dá um negócio, um medo. Mas eu não posso, eu não posso deixar o medo tomar conta. Eu tenho que trabalhar, eu preciso trabalhar.”

Ana Célia, professora*

“Estoy tratando de estar bien. Si digo que no tengo miedo, estaré mintiendo; hay días en los que siento algo, un miedo. Pero no puedo, no puedo dejar que el miedo se apodere de mí. Tengo que trabajar, necesito trabajar.”
Ana Célia, profesora

“I’m trying to be okay. If I say I’m not afraid, I’ll be lying; there are days when I feel something, a fear. But I can’t, I can’t let fear take over. I have to work, I need to work.”
Ana Célia, teacher

* PAIVA, Deslange; HONÓRIO, Gustavo. Secretaria da Educação de SP diz que psicólogos prometidos há cinco meses começam a trabalhar nesta segunda na rede estadual. **G1 SP**, São Paulo: 28 ago. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/08/28/secretaria-da-educacao-de-sp-diz-que-psicologos-prometidos-ha-cinco-meses-comecam-atendimento-em-escolas-estaduais-nesta-segunda.ghtml>

1. BRASIL E A CRESCENTE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Michele Bravos

O crescente número de violência às escolas¹ no Brasil evidencia o desamparo em que as escolas e a comunidade escolar se encontram. Ao buscar ajuda, elas se deparam com uma verdade incômoda: o problema é multifacetado. Ele tem como uma de suas raízes a propagação – na maioria das vezes, online – de uma ideologia embasada no masculinismo, no individualismo e na suposta superioridade. Além disso, o uso de violência é legitimado para o alcance dos objetivos ideológicos.

Em 2023², dois eventos chocaram o país, mas se trata de um problema emergencial. Desde o início dos anos 2000 até abril deste ano foram registrados ao menos 24 ataques às escolas, sendo que 12 durante o ano de 2022 e o primeiro quadrimestre de 2023, como aponta um relatório sobre ataques a escolas no país³.

Dois pontos devem ser destacados aqui. Em primeiro lugar, a violência às escolas não é qualquer violência. Ela faz parte do que se chama de extremismo violento e o componente ideológico é uma das chaves para compreendê-la. Em segundo lugar, a família não é a única instituição responsável pela educação de uma criança e um adolescente. A escola não pode ser voltada, somente, à formação intelectual e acadêmica, devendo ser também um espaço para o desenvolvimento de valores.

Para compreender o fenômeno e tentar apresentar soluções, foi elaborado o Guia sobre Prevenção e Resposta à violência às escolas⁴ que afirma que a violência à escola tem como alvo e local a própria escola, tanto a sua estrutura física quanto as pessoas que fazem parte da comunidade escolar. Pode-se incluir aqui também as creches e instituições de ensino superior.

1 MINHOTO, Maria Angélica; SMAILI, Soraya; ARANTES, Pedro. Tragédia nas escolas: o que fazer?. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 28 abr. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/sou-ciencia/2023/04/tragedia-nas-escolas-o-que-fazer.shtml>.

2 MATTOS, Laura. É preciso separar onda de pânico nas escolas do problema real da violência, dizem especialistas. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 19 abr. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/e-preciso-separar-onda-de-panico-nas-escolas-do-problema-real-da-violencia-dizem-especialistas.shtml>.

3 LANGEANI, Bruno. **Raio-x de 20 anos de ataques a escolas no Brasil 2002-2023**. Instituto Sou da Paz, mai. 2023. Disponível em: <https://soudapaz.org/o-que-fazemos/conhecer/pesquisas/control-de-armas/as-armas-do-crime/?show=documentos#9574-3>.

4 PELLANDA, Andressa; MEATO, Juliana; FROSSARD, Marcele. **Guia sobre Prevenção e Resposta à violência às escolas**. São Paulo: Instituto Campanha Nacional pelo Direito à Educação, 24 mar. 2023. Disponível em: <https://www.unilasalle.edu.br/uploads/files/92996d3e79f016d70be2ef6ed34ed048.pdf>.

No caso da violência às escolas, há uma forte conexão com motivações ideológicas extremistas e os ataques são planejados⁵. Como afirma a pesquisadora Telma Vinha, da Unicamp, não são inesperados, não surgem como reação a algo pontual. A pessoa que comete os atos, em geral, do sexo masculino, jovem, branco, heterossexual, passa por um processo de radicalização em que é levado a acreditar que deve buscar sua realização pessoal acima de tudo e que sua expressão identitária e suas ideias são superiores em relação às outras pessoas. É esse processo de radicalização que pode levar ao **extremismo violento**⁶.

Os discursos masculinistas, racistas, supremacistas, xenofóbicos, de intolerância religiosa e antidemocráticos permeiam os pensamentos e validam os comportamentos desses jovens que estão sendo radicalizados. São discursos de ódio a todo grupo minorizado, os quais, à medida que avançam na conquista de seus direitos, são percebidos como ameaças para os que estão envolvidos no ambiente de promoção do extremismo violento.

Há nesses jovens um sentimento de injustiça social sobre si mesmo e também uma ausência de pertencimento. A **escola é, por vezes, associada a esses sentimentos**⁷. Além disso, ela representa uma instituição importante na sociedade, dando visibilidade à ideologia que se quer promover. Por isso, frequentemente, a escola é alvo.

É na busca por solução dos problemas que eles entendem causar os seus sentimentos de injustiça social e não pertencimento, que os jovens podem ser envolvidos pelo ódio, especialmente os que estão inseridos em ambientes familiares autoritários ou que foram vítimas de bullying – condições que os tornam mais vulneráveis a se engajarem no extremismo violento. Este fenômeno é potencializado por fatores como relações interpessoais já contaminadas pelo discurso de ódio ou por um cenário político que estimula a descrença nas instituições e nos valores de um estado democrático de direito, entre outros.

Uma década de radicalização

No Brasil, não se pode dissociar essa radicalização e o extremismo violento do avanço da extrema-direita. Em 2013⁸, os protestos iniciais contra o aumento da tarifa de ônibus, em pouco tempo foram ganhando outras motivações e grupos mais ligados à direita se fortaleceram, como no caso do Movimento Brasil Livre (MBL). Nas eleições de 2014, sob o clima de escândalos de corrupção, o discurso de ódio começou a ser mais explícito, principalmente contra os grupos favo-

5 RIOS, Hebe. **Violência premeditada e gestada na convivência tóxica**. Direto na Fonte, 30 mar. 2023. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/tv/direto-na-fonte/2023/03/30/violencia-premeditada-e-gestada-na-convivencia-toxica>.

6 **Preventing violent extremism through education: a guide for policy-makers**. [s.l.] Unesco, 2017. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247764>.

7 PELLANDA, Andressa et al. **O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental**. [s.l.] 11 dez. 2022. Disponível em: https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Relatorio_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental_RelatorioTransicao_2022_12_11.pdf.

8 SAFATLE, Vladimir. Protestos de 2013 foram o 11 de Setembro da direita brasileira. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 4 nov. 2018. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/api/assets/694c5ed5-d15e-447a-8a1f-b7b92d24da19>.

recidos por políticas afirmativas dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), como a população negra e indígena, com as cotas raciais nas universidades, e a população de classe baixa, com o Programa Bolsa Família. É importante destacar que o machismo institucional se fez presente durante todo o mandato da ex presidente Dilma Rousseff (2010 – 2016), contribuindo, assim, para o **machismo contra ela e outras mulheres**⁹ – da vida pública ou não – nas esferas interpessoais também.

Sob a defesa de uma moral que poderia ser corrompida por mais um mandato de esquerda, iniciativas como o Movimento Escola Sem Partido, ativo entre 2004 e 2019, ganharam também visibilidade. Segundo Human Rights Watch, estas iniciativas deixaram um **legado de leis e ameaças aos professores a partir do suposto combate à “doutrinação”**¹⁰.

Em 2014, emergiu também com força a discussão em torno da “ideologia de gênero”. Assim, a extrema-direita, acolhendo pautas conservadoras e o sentimento anti-establishment, se fortaleceu e passou a ser uma opção para parte da população insatisfeita com o cenário vigente. A falta de regulamentação da internet e a apropriação dos recursos digitais oferecidos pelas mídias e redes sociais permitiram que a disseminação da ideologia de extrema-direita alcançasse proporções gigantescas.

Promovendo paz a partir da educação em direitos humanos

Contra uma cultura de ódio e violência é preciso ação a partir do que sugere a educação em direitos humanos e a cultura de paz. A educação em direitos humanos, enquanto política pública no Brasil, sugere que educar sobre, com e para os direitos humanos nos aponta para um caminho de respeito às diferenças, em que se pode conviver em um ambiente democrático e em que todas as pessoas vivem com dignidade. A cultura de paz, por sua vez, pode ser compreendida como um conjunto de ações que reconhece e acolhe conflitos, buscando transformá-los a partir do diálogo e da não-violência.

Nas escolas, a promoção de convivência em espaços heterogêneos é fundamental na construção de estratégias que erradiquem, mitiguem e previnam a radicalização de jovens. É simplista e não duradouro buscar soluções para a violência às escolas a partir da militarização ou de mecanismos de segurança como nos EUA, país com enorme número de ataques armados às escolas. A construção de paz embasada nos direitos humanos e empenhada em acolher conflitos, gerenciar emoções e dialogar, tem mais chances de perdurar, pois coloca as pessoas no centro da análise e da busca por soluções. E a escola, se amparada pelo Estado, pelas famílias e pela sociedade, tem potencial para ser lugar de refúgio e não alvo.

9 FERNÁNDEZ MATOS, Dhayana. La violencia política contra las mujeres en América Latina. **Latinoamérica 21**. Montevideo, 18 ago. 2021. Seção Ideias. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/br/a-violencia-politica-contra-as-mulheres-na-america-latina/>.

10 GONZÁLEZ CABRERA, Cristian. “Tenho medo, esse era o objetivo deles”: esforços para proibir a educação sobre gênero e sexualidade no Brasil. [s.l.] Human Rights Watch, 12 mai. 2022. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/report/2022/05/12/381942>.

*Este texto faz parte do projeto (Re)conectar: aproximando pessoas para superar a violência às escolas, realizado pelo Instituto Aurora, com apoio institucional do L21.

MICHELE BRAVOS Diretora executiva do Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos. Mestre em Direitos Humanos e Políticas Públicas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

- ↳ Link <https://latinoamerica21.com/pt-br/brasil-e-a-crescente-violencia-nas-escolas/>

- ↳ Publicação externa
Folha de S. Paulo

BRASIL Y LA CRECIENTE VIOLENCIA EN LAS ESCUELAS

Michele Bravos

El creciente número de casos de violencia en las escuelas¹ de Brasil pone de manifiesto el abandono en el que se encuentran las escuelas y la comunidad escolar. Al buscar ayuda, ambas descubren que el problema es multifacético, pero una de sus raíces es la propagación – principalmente online – de una ideología basada en la masculinidad, el individualismo y la supuesta superioridad donde se legitima el uso de la violencia para alcanzar objetivos ideológicos.

En 2023², dos sucesos conmocionaron al país. Desde principios de la década de 2000 hasta abril de este año, se registraron al menos 24 ataques contra escuelas. Doce de ellos ocurrieron en el 2022 y el primer cuatrimestre de 2023, como señala un informe sobre ataques a las escuelas en el país³.

Dos elementos deben ser destacados. En primer lugar, la violencia en las escuelas no es cualquier violencia, forma parte de lo que se denomina extremismo violento y el componente ideológico es clave. En segundo lugar, la familia no es la única institución responsable de la educación, y es que la escuela no puede centrarse únicamente en la formación académica, sino que también debe ser un lugar para el desarrollo de valores.

Para entender el fenómeno y tratar de presentar soluciones, se elaboró la Guía sobre Prevención y Respuesta a la violencia en las escuelas⁴, que afirma que la violencia en la escuela tiene como objetivo y lugar la propia escuela, tanto su estructura física como las personas que forman parte de la comunidad escolar. También se pueden incluir aquí las guarderías e instituciones de enseñanza superior.

En la violencia a las escuelas, existe una fuerte conexión con motivaciones ideológicas extremistas y los ataques son planificados⁵. Como afirma la investigadora Telma Vinha de la

BRAZIL AND THE ESCALATING VIOLENCE IN SCHOOLS

Michele Bravos

The growing number of cases of violence in schools¹ in Brazil highlights the powerlessness in which schools and the school community find themselves. The problem is multifaceted but one of its roots is the propagation – mainly online – of an ideology based on masculinity, individualism, and supposed superiority where the use of violence to achieve ideological goals is legitimized.

In 2023², two events shocked the country, but it is an emergent problem. From the early 2000s until April of this year, at least 24 attacks on schools have been recorded, with 12 occurring during 2022 and the first four months of 2023, as a report on school attacks in the country³ points out.

Two points should be highlighted here. First, violence in schools is not just any violence, it is part of what is called violent extremism and the ideological component is key. Second, the family is not the only institution responsible for education, and the school cannot focus only on academic training. Still, it must also be a place for the development of values.

To understand the phenomenon and attempt to present solutions, the Guide on Prevention and Response to violence in schools⁴ was developed. It states that violence in schools targets and takes place within the school itself, encompassing both its physical structure and the individuals who are part of the school community. This can also include daycare centers and higher education institutions.

In school violence, there is a strong connection with extremist ideological motivations and the attacks are planned⁵. As stated by researcher Telma Vinha of the State University of Campinas, the attacks are not unexpected. The person who commits the acts, generally male, young, white, heterosexual, goes through a process of radicalization in which he is made to believe that he

Universidad Estadual de Campinas, los ataques no son inesperados. La persona que comete los actos, generalmente varón, joven, blanco, heterosexual, pasa por un proceso de radicalización en el que se le hace creer que debe buscar la realización personal por encima de todo y que su expresión identitaria y sus ideas son superiores a las de otras personas. Es este proceso de radicalización el que puede conducir al **extremismo violento**⁶.

Los discursos masculinistas, racistas, supremacistas, xenófobos, de intolerancia religiosa y antidemocráticos impregnan los pensamientos y validan los comportamientos de estos jóvenes que se radicalizan. Se trata de discursos de odio hacia cualquier grupo minoritario que, a medida que avanzan en la conquista de sus derechos, son percibidos como amenazas por quienes se mueven en el entorno promotor del extremismo violento.

Hay en estos jóvenes un sentimiento de injusticia social sobre sí mismos y también de falta de pertenencia y **la escuela se asocia a veces a estos sentimientos**⁷.

Además, la escuela es una institución importante en la sociedad, que da visibilidad a la ideología que se quiere promover, por lo que a menudo se convierte en objetivo.

Es en la búsqueda de una solución a los problemas que perciben como causantes de sus sentimientos de injusticia social y falta de pertenencia cuando los jóvenes pueden verse inducidos al odio, especialmente aquellos que son más vulnerables por formar parte de entornos familiares autoritarios o haber sido víctimas de acoso escolar. Este fenómeno se ve potenciado por factores como unas relaciones interpersonales ya contaminadas por el discurso del odio o por un escenario político que fomenta el descrédito en las instituciones y en los valores de un Estado democrático de derecho, entre otros.

Una década de radicalización

En Brasil, no se puede disociar esta radicalización del avance de la extrema derecha. En **2013**⁸, las protestas iniciales

must seek personal fulfillment above all else and that his identity expression and ideas are superior to those of other people. It is this process of radicalization that can lead to **violent extremism**⁶.

Masculinist, racist, supremacist, xenophobic, religious intolerance, and anti-democratic discourses permeate the thoughts and validate the behaviors of these radicalizing youth. These are discourses of hatred toward any minority group which, as they advance in the conquest of their rights, are perceived as threats by those who move in the environment promoting violent extremism.

There is in these young people a feeling of social injustice about themselves and also of lack of belonging and **the school is sometimes associated with these feelings**⁷. Moreover, the school is an important institution in society, which gives visibility to the ideology it wants to promote, so it often becomes a target.

It is in the search for a solution to the problems they perceive as causing their feelings of social injustice and lack of belonging that young people can be induced to hate, especially those who are more vulnerable because they are part of an authoritarian family environment or have been victims of bullying. This phenomenon is enhanced by factors such as interpersonal relationships already contaminated by hate speech or by a political scenario that fosters the discrediting of institutions and the values of a democratic rule of law, among others.

A decade of radicalization

In Brazil, this radicalization cannot be dissociated from the advance of the far right. In **2013**⁸, the initial protests against the increase in bus fares soon gained other motivations, and groups more linked to the right grew stronger, such as the Movimento Brasil Livre (MBL). In the 2014 elections, under the climate of corruption scandals, hate speech began to be more explicit, especially against groups favored by the Workers' Party government's social policies, such as the

contra el aumento de las tarifas de autobús, pronto ganaron otras motivaciones y grupos más vinculados a la derecha se fortalecieron, como el Movimento Brasil Livre (MBL). En las elecciones de 2014, bajo el clima de escándalos de corrupción, el discurso de odio comenzó a ser más explícito, especialmente contra los grupos favorecidos por las políticas afirmativas de los gobiernos del Partido de los Trabajadores (PT), como la población negra e indígena, con las cuotas raciales en las universidades, y la población de clase baja, con el programa Bolsa Família. Es importante destacar que el machismo institucional⁹ estuvo presente durante el mandato de la ex presidenta Dilma Rousseff (2010 – 2016).

Bajo la defensa de una moral que podría ser corrompida por otro mandato de izquierda, también han ganado visibilidad iniciativas como el Movimento Escola Sin Partido, activo entre 2004 y 2019. Según Human Rights Watch, estas iniciativas han dejado un legado de leyes y amenazas a los docentes a partir de la supuesta lucha contra el «adoctrinamiento»¹⁰.

En 2014, también surgió con fuerza el debate en torno a la «ideología de género». Así, la extrema derecha, abrazando agendas conservadoras y sentimientos antisistema, se fortaleció y se convirtió en una opción para parte de la población descontenta con el escenario entonces vigente. La falta de regulación de Internet y la apropiación de los recursos digitales que ofrecen los medios y redes sociales han permitido la gran propagación de la ideología de extrema derecha.

Promover la paz mediante la educación en derechos humanos

Para combatir la cultura del odio y la violencia, es necesario actuar a partir de lo que sugieren la educación en derechos humanos y la cultura de paz. La educación en derechos humanos, como política pública en Brasil, sugiere que educar sobre, con y para los derechos humanos es un camino para alcanzar el respeto a las diferencias y la convivencia en un ambiente

black and indigenous population, with racial quotas in universities, and the lower class population, with Bolsa Família program. It is essential to highlight that institutional sexism⁹ was present during the mandate of former president Dilma Rousseff (2010 – 2016).

Under the defense of morality that could be corrupted by another leftist mandate, initiatives such as the School Without Party Movement, active between 2004 and 2019, have also gained visibility. According to Human Rights Watch, these initiatives have left a legacy of laws and threats to teachers from the supposed fight against “indoctrination”¹⁰.

In 2014, the debate around “gender ideology” also emerged with force. Thus, the far right, embracing conservative agendas and anti-system sentiments, grew stronger and became an option for part of the population dissatisfied with the current scenario. The lack of regulation of the Internet and the appropriation of digital resources offered by the media and social networks have allowed the spread of extreme right-wing ideology.

Promoting peace through human rights education

To combat the culture of hatred and violence, it is necessary to act on the basis of what human rights education and the culture of peace suggest. As a public policy in Brazil, human rights education suggests that educating about, with, and for human rights is a way to achieve respect for differences and coexistence in a democratic environment, where all people live with dignity. The culture of peace, in turn, can be understood as a set of actions that recognizes and welcomes conflicts, seeking to transform them through dialogue and non-violence.

In schools, the promotion of coexistence in heterogeneous spaces is fundamental for the construction of strategies that eradicate and prevent the radicalization of young people. Seeking solutions to violence in schools through militarization or security mechanisms such

democrático, donde todas las personas viven con dignidad. La cultura de paz, a su vez, puede ser entendida como un conjunto de acciones que reconoce y acoge los conflictos, buscando transformarlos por medio del diálogo y de la no violencia.

En las escuelas, la promoción de la convivencia en espacios heterogéneos es fundamental para la construcción de estrategias que erradiquen y prevengan la radicalización de los jóvenes. Buscar soluciones a la violencia en las escuelas a través de la militarización o de mecanismos de seguridad como en EE.UU., es simplista y no es sostenible.

La construcción de la paz basada en los derechos humanos y comprometida con la acogida de los conflictos, la gestión de las emociones y el diálogo, tiene más posibilidades de perdurar, porque pone a las personas en el centro del análisis y la búsqueda de soluciones. Y la escuela, si cuenta con el apoyo del Estado, de las familias y de la sociedad, tiene el potencial de ser un lugar de refugio y no un objetivo.

*Este texto forma parte del proyecto “(Re)conectar: aproximando personas para superar la violencia contra las escuelas”, realizado por el Instituto Aurora, con el apoyo institucional de L21.

MICHELE BRAVOS

Directora Ejecutiva del Instituto Aurora para Educación en Derechos Humanos. Máster en Derechos Humanos y Políticas Públicas por la Pontificia Universidad Católica de Paraná (PUCPR).

↳ Link <https://latinoamerica21.com/es/brasil-y-la-creciente-violencia-en-las-escuelas/>

↳ Publicaciones externas
El Espectador (Colômbia)
La Diária (Uruguay)

as in the U.S. is simplistic and unsustainable.

Peacebuilding based on human rights and committed to welcoming conflicts, managing emotions, and dialogue, has a better chance of lasting because it puts people at the center of the analysis and the search for solutions. And the school, if supported by the state, families, and society, has the potential to be a place of refuge rather than a target.

*This text is part of the project “(Re)connecting: bringing people together to overcome violence against schools”, carried out by the Aurora Institute, with institutional support from L21.

Translated by Janaína Ruviano da Silva

MICHELE BRAVOS

Executive Director of the Aurora Institute for Human Rights Education. Master in Human Rights and Public Policies from the Pontifical Catholic University of Paraná (PUCPR).

↳ Link <https://latinoamerica21.com/en/brazil-and-the-escalating-violence-in-schools/>



2. AS SOCIEDADES EM CRISE FAVORECEM O EXTREMISMO E O SUICÍDIO ENTRE JOVENS

Rudá Ricci, Luís Carlos Petry e André Bakker da Silveira

No Brasil, o mês de **setembro**¹ é dedicado à **prevenção do suicídio**². Num texto clássico sobre o tema, Émile Durkheim apresenta uma tipologia do suicídio: o egoísta, o altruísta e o anômico. O suicídio egoísta é aquele em que o autor não vê mais sentido em viver por estar desintegrado socialmente. Já o suicídio altruísta envolve autores com identificação com seu grupo tão intensa que o leva ao sacrifício em defesa das causas coletivas.

Apesar de este último auxiliar na compreensão do **extremismo violento em escolas**³, entendemos que é o suicídio anômico o que melhor pode sugerir uma pista para compreendermos o movimento de ataque às escolas que envolve uma parcela de jovens e adolescentes brasileiros. A anomia, ou ausência de normas, é característica de sociedades em crise. O código moral se perde numa circunstância de profunda incerteza.

Sofrimento mental

Há registros que indicam que **20% de nossos jovens se automutilam**⁴, segundo o Hospital das Clínicas de São Paulo e o Hospital Universitário de Brasília. A automutilação é um índice do sofrimento psíquico, em que se busca substituir a dor psicológica por uma física.

Mas, o que levaria o jovem ao sofrimento mental em tão alta escala?

Há, ao menos, três fatores psicossociais contribuintes para o sofrimento infanto-juvenil contemporâneo que sustenta a anomia ou dessocialização aguda.

O primeiro é a diminuição do tempo e qualidade do convívio familiar em função do aumento da jornada de trabalho. O Brasil vem registrando ao redor de 70 mil divórcios por ano. **Estudo desenvolvido pela**

1 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **A campanha Setembro Amarelo® salva vidas!**. s/d. Disponível em: <https://www.setembroamarelo.com/>.

2 FERRARO, Manuela. O que é o setembro amarelo? **Folha de S. Paulo**. São Paulo, s/d. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/equilibrioesaude/2022/09/o-que-e-a-campanha-setembro-amarelo/>.

3 ABRAMOVAY, Miriam; LOPES, Lucas José Ramos; SILVEIRA, André Bakker. Extremismo: O papel das escolas na prevenção ao extremismo violento. **Latinoamérica 21**. Montevideo, 04 ago 2023. Seção Ideias. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/br/o-papel-das-escolas-na-prevencao-ao-extremismo-violento/>.

4 ECHEBURÚA, Enrique. ¿Por qué se autolesionan los adolescentes y jóvenes?. **El país**. Madrid, 8 jun. 2023. Seção Salud y Bienestar. Disponível em: <https://elpais.com/salud-y-bienestar/2023-06-08/por-que-se-autolesionan-los-adolescentes-y-jovenes.html>.

Euromonitor Internacional⁵ sugere que as famílias monoparentais registrarão crescimento de 128% entre 2000–2030. Grande parte dessa nova Grande parte dessa nova Grande parte dessa nova dinâmica social se relaciona às exigências crescentes de desempenho profissional, retirando tempo do convívio em família. Alguns estudos indicam que a família original vai gradativamente perdendo espaço para a imaginária “família virtual” nas redes sociais por onde crianças e adolescentes definem seu vestuário, seus valores e até sua linguagem.

O segundo fator de angústia juvenil é a crescente exigência social por desempenho. O filósofo Byung-Chul Han vem destacando uma progressiva e disruptiva demanda social pela performance individual em todas as áreas da vida (conhecimento científico, arte, amor, esporte). Dado que o horizonte da frustração é certo, em função de que não há como atingir o patamar de excelência exigida, a esmagadora maioria culmina como reféns das expectativas coletivas, as quais se convertem em ameaçadoras pressões. O sujeito se torna refém de seu próprio imaginário.

Finalmente, há registros crescentes de pais que não suportam frustrações ou adversidades, progressivamente criam um ambiente de pânico e estresse diário em seus lares, em demandas pelo desempenho e reconhecimento dos filhos. Na contrapartida, um simples sinal de adoecimento é motivo para encaminhamento urgente ao pronto-socorro mais próximo. Ocorre que a maturidade se distingue da infantilidade justamente em virtude do autocontrole das emoções imediatas ou latentes.

A frustração faz parte do aprendizado humano e do desenvolvimento da inteligência intrapessoal. Entretanto, em virtude do atomismo narcísico no qual a sociedade e as redes sociais submergiram, desde o começo do Século XXI, o modo de resposta às frustrações, ao bullying e ao desamparo tem, cada vez mais se pautado pelas ações de cancelamento, de revide, agressivas e, finalmente, vulneráveis aos apelos de incentivo a ações autoritárias e extremistas.

Ideologia blackpill

Todo esse complexo contexto parece contribuir com a **falta de horizonte de sentido**⁶ com a qual alguns jovens parecem viver. Em um verdadeiro apego a um tipo não reflexivo de **nilismo**⁷, alguns meninos, adolescentes e homens frustrados com suas condições sociais, econômicas e afetivas, sem conseguir perceber possibilidade de mudança ou esperança no futuro, buscam acolhimento junto a grupos misóginos que reforçam seus sentimentos. Não à toa, o termo black-

5 TEIXEIRA, Carlos. Em 2030, a família monoparental será predominante. **Radar do Futuro**. 26 nov. 2019. Disponível em: <https://radardofuturo.com.br/em-2030-a-familia-monoparental-sera-predominante/#:~:text=0%20relat%C3%B3rio%20mos-tra%20que%20fam%C3%ADlias,diminuir%20em%20todo%20o%20mundo>.

6 BORGES, Renato. Por que as pessoas se radicalizam à direita como o terrorista de Monte Mor? **Canal Judz – YouTube**. 14 fev. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i6ijzA_k3xA&ab_channel=Judz.

7 BORGES, Renato. Ataque às escolas – As ideias de nilismo, fatalismo, aceleracionismo e querer ser mártir. **Canal Judz – YouTube**. 23 abr. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YB0C790aPiY&ab_channel=Judz.

pill – algo como pílula escura – aparece entre os adeptos das ideologias masculinistas que circulam pelas redes sociais.

Segundo a organização estadunidense **Anti-defamation League**⁸, a blackpill, é parte da ideologia da nova extrema direita e do movimento incel – designação para grupos masculinistas que significa celibatários involuntários –, e representa a percepção de que o “sistema” está enraizado demais para mudar e de que não há esperança para a si ou para a sociedade. O motivo desta desilusão? A crença de que não há mais espaço para homens no mundo atual, em que reinaria o privilégio das mulheres.

Diante do fatalismo dessa dura realidade, restaria aos blackpillados (aqueles que aderiram à ideologia) apenas algumas opções: **desistir e apodrecer, suicídio ou cometer um ataque extremista em massa e se tornar um mártir da causa**⁹ (daí a importância de tomar cuidado na divulgação dos ocorridos). Em certos casos, o desfecho esperado pelo perpetrador de um ataque à escola é ser morto pelas forças de segurança, o que chamam ironicamente de “suicídio por policiais”, o que trará mais prestígio a quem cometeu o ato e, assim, aumentará a possibilidade de inspirar outros a seguir seus passos.

Este é apenas um exemplo do desalento que pode afetar meninos e jovens e que, assim como outras formas de radicalização ao extremismo violento, é parte da cultura de **fatores que puxam jovens**¹⁰ como atratores na direção de processos de auto lesão e lesão de outrem, notadamente, de **meninas e mulheres**¹¹.

Por isso, a construção de possibilidades para a vida e a promoção de espaços de **pertencimento**¹² que reconectem os sujeitos em experiências partilhadas, comunitárias e solidárias, se constitui em uma estratégia fundamental para prevenir que jovens sejam radicalizados, ou mesmo para resgatá-los da anomia e da atomização despersonalizadora que estão na base do suicídio social e coletivo que se espalha em nossa sociedade.

Em ambientes tão instáveis emocionalmente, nossos jovens se encontram vulneráveis aos apelos autoritários e violentos que se instituem como heroicos, como resposta à instabilidade e humilhação diárias, signos dessa atomização. Fecharmos nossos olhos para esta realidade, significa desconsiderarmos o futuro das próximas gerações. Olhar para ela, encontrarmos suas causas e trabalharmos em prol de sua superação é, antes de tudo, um compromisso ético, de cidadania e de promoção da democracia.

8 The Extremist Medicine Cabinet: A Guide to Online “Pills”. **ADL**. Nova York, 06 nov. 2019. Disponível em: <https://www.adl.org/resources/blog/extremist-medicine-cabinet-guide-online-pills>.

9 Misogynist Incels and Male Supremacism. **New America**. Washington - DC, s/d. Disponível em: <https://www.newamerica.org/political-reform/reports/misogynist-incels-and-male-supremacism/red-pill-to-black-pill/>.

10 ABRAMOVAY, Miriam; LOPES, Lucas José Ramos; SILVEIRA, André Bakker. Extremismo: O papel das escolas na prevenção ao extremismo violento. **Latinoamérica 21**. Montevideo, 4 ago 2023. Seção Ideias. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/br/o-papel-das-escolas-na-prevencao-ao-extremismo-violento/>.

11 DEL MONDE, Isabela. Ataques em escolas: por que maioria das vítimas são meninas e mulheres. **Universa**. Montevideo, 30 mar. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/isabela-del-monde/2023/03/30/ataques-em-escolas-por-que-maioria-das-vitimas-sao-meninas-e-mulheres.htm>.

12 BORGES, Renato. Ataque à Escola em Cambé no Paraná. **Canal Judz – YouTube**. 19 jun. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xc9Fou1fGwC&ab_channel=Judz.

*Este texto faz parte do projeto (Re)conectar: aproximando pessoas para superar a violência às escolas, realizado pelo Instituto Aurora, com apoio institucional do L21.

RUDÁ RICCI Doutor em Ciências Sociais e presidente do Instituto Cultiva. Coordenador nacional da Articulação Brasileira do Pacto Educativo Global (ABPEG), liderada mundialmente pelo Papa Francisco.

LUÍS CARLOS PETRY Psicanalista e topólogo. Professor e pesquisador aposentado da PUC-SP. Escreveu em colaboração com Rudá Ricci, o livro *O Fascismo de massa*. É colaborador no *Canal TV Cultiva*, no YouTube.

ANDRÉ BAKKER DA SILVEIRA Gestor de pesquisa e projetos do Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e membro titular da Comissão Municipal de Direitos Humanos de Curitiba.

↳ Link <https://latinoamerica21.com/pt-br/as-sociedades-em-crise-favorecem-o-extremismo-e-o-suicidio-entre-jovens/>

LAS SOCIEDADES EN CRISIS FAVORECEN EL EXTREMISMO Y EL SUICIDIO ENTRE LOS JÓVENES

Rudá Ricci, Luís Carlos Petry y
André Bakker da Silveira

En Brasil, el mes de **septiembre**¹ está dedicado a la **prevención del suicidio**². En un texto clásico sobre el tema, Émile Durkheim presenta una tipología del suicidio: egoísta, altruista y anómico. El suicidio egoísta se produce cuando el suicida ya no ve sentido a seguir viviendo porque está socialmente desintegrado. El suicidio altruista, por el contrario, implica a autores que se identifican tanto con su grupo que se sacrifican en defensa de causas colectivas.

Aunque este último ayuda a comprender el **extremismo violento en las escuelas**³, creemos que es el suicidio anómico el que mejor puede sugerir una pista para entender el movimiento de ataque a las escuelas que involucra a una parte de los jóvenes y adolescentes brasileños. La anomia, o ausencia de normas, es característica de las sociedades en crisis. El código moral se pierde en circunstancias de profunda incertidumbre.

Sufrimiento mental

Hay registros que indican que el **20% de nuestros jóvenes se autolesionan**⁴, según el Hospital das Clínicas de São Paulo y el Hospital Universitario de Brasília. La automutilación es un índice de sufrimiento psicológico, en el que las personas intentan sustituir el dolor psicológico por el dolor físico.

Pero, ¿qué puede llevar a un joven a un sufrimiento psíquico de tal magnitud? Hay por lo menos tres factores psicosociales que contribuyen al sufrimiento infantil y adolescente contemporáneo que sustenta la anomia o desocialización aguda.

El primero es la reducción del tiempo y de la calidad de la vida familiar debido al aumento de la jornada laboral. Brasil registra cerca de 70.000 divorcios al año. **Un estudio de Euromonitor International**⁵ sugiere que las familias monoparentales

SOCIETIES IN CRISIS FAVOR EXTREMISM AND SUICIDE AMONG YOUNG PEOPLE

Rudá Ricci, Luís Carlos Petry and
André Bakker da Silveira

In Brazil, the month of **September**¹ is dedicated to **suicide prevention**². In a classic text on the subject, Émile Durkheim presents a typology of suicide: selfish, altruistic, and anomic. Selfish suicide occurs when the suicidal person no longer sees any point in continuing to live because he or she is socially disintegrated. Altruistic suicide, on the other hand, involves perpetrators who identify so strongly with their group that they sacrifice themselves in defense of collective causes.

Although the latter helps to understand **violent extremism in schools**³, we believe that it is anomic suicide that can best suggest a clue to understanding the school-attack movement involving a portion of Brazilian youth and adolescents. Anomie, or absence of norms, is characteristic of societies in crisis. The moral code is lost in circumstances of profound uncertainty.

Mental suffering

There are records indicating that **20% of our young people self-harm**⁴, according to the Clinical Hospital of the São Paulo University and the University Hospital of Brasília. Self-mutilation is an index of psychological suffering, in which people try to replace psychological pain with physical pain.

But what can lead a young person to psychological suffering from such magnitude? There are at least three psychosocial factors that contribute to the contemporary child and adolescent suffering that underpins acute anomie or desocialization.

The first is the reduction of time and quality of family life due to the increase in working hours. Brazil registers around 70,000 divorces per year. **A study by International Euromonitor**⁵ suggests that single-parent families will grow by 128% between 2000-2030.

crecerán un 128% entre 2000-2030.

Gran parte de esta nueva dinámica social está relacionada con las crecientes exigencias del desempeño profesional, que restan tiempo a la vida familiar. Algunos estudios indican que la familia original va perdiendo terreno frente a la imaginaria «familia virtual» de las redes sociales, donde niños y adolescentes definen su vestimenta, sus valores e incluso su lenguaje.

El segundo factor de la angustia juvenil es la creciente demanda social de rendimiento. El filósofo Byung-Chul Han ha destacado una progresiva y perturbadora demanda social de rendimiento individual en todos los ámbitos de la vida (conocimiento científico, arte, amor, deporte). Dado que el horizonte de frustración es seguro, porque no hay forma de alcanzar el nivel de excelencia exigido, la inmensa mayoría acaba siendo rehén de las expectativas colectivas, que se convierten en presiones amenazadoras. El sujeto se convierte en rehén de su propia imaginación.

Por último, hay un número creciente de padres que no soportan la frustración ni la adversidad, creando progresivamente un ambiente de pánico y estrés cotidiano en sus hogares, exigiendo rendimiento y reconocimiento a sus hijos. Por otra parte, un simple síntoma de enfermedad es motivo de remisión urgente al servicio de urgencias más cercano. Ocurre que la madurez se diferencia del infantilismo precisamente por el autocontrol de las emociones inmediatas o latentes.

La frustración forma parte del aprendizaje humano y del desarrollo de la inteligencia intrapersonal. Sin embargo, debido al atomismo narcisista en el que se han sumergido la sociedad y las redes sociales desde principios del siglo XXI, la forma de responder a la frustración, el acoso y la impotencia se ha guiado cada vez más por acciones de anulación, represalia, agresividad y, finalmente, vulnerabilidad a las apelaciones para fomentar acciones autoritarias y extremistas.

Much of this new social dynamic is related to the increasing demands of professional performance, which take time away from family life. Some studies indicate that the original family is losing ground to the imaginary “virtual family” of social networks, where children and adolescents define their clothing, values, and even their language.

The second factor of youth distress is the growing social demand for performance. The philosopher Byung-Chul Han has highlighted a progressive and disturbing social demand for individual performance in all areas of life (scientific knowledge, art, love, sport). Since the horizon of frustration is certain, because there is no way to reach the level of excellence demanded, the vast majority end up hostage to collective expectations, which become threatening pressures. The subject becomes hostage to his or her own imagination.

Finally, there is a growing number of parents who cannot stand frustration and adversity, progressively creating an atmosphere of panic and daily stress in their homes, demanding performance and recognition from their children. On the other hand, a simple symptom of illness is a reason for urgent referral to the nearest emergency department. It so happens that maturity differs from infantilism precisely because of the self-control of immediate or latent emotions.

Frustration is part of human learning and the development of intrapersonal intelligence. However, due to the narcissistic atomism in which society and social networks have been immersed since the beginning of the 21st century, the way of responding to frustration, harassment, and helplessness has been increasingly guided by actions of nullification, retaliation, aggressiveness, and, finally, vulnerability to appeals to encourage authoritarian and extremist actions.

The blackpill ideology

This whole complex context seems to contribute to **the lack of horizon of meaning**⁶

La ideología del blackpill

Todo este complejo contexto parece contribuir a la **falta de horizonte de sentido**⁶ con la que parecen vivir algunos jóvenes. En un verdadero apego a un tipo de **nihilismo**⁷ no reflexivo, algunos niños, adolescentes y hombres frustrados con sus condiciones sociales, económicas y emocionales, incapaces de ver alguna posibilidad de cambio o esperanza para el futuro, buscan refugio con grupos misóginos que refuerzan sus sentimientos. No es casualidad que el término blackpill aparezca entre los partidarios de ideologías masculinistas que circulan por las redes sociales.

Según la organización estadounidense **Anti-defamation League**⁸, blackpill forma parte de la ideología de la nueva extrema derecha y del movimiento incel -nombre de los grupos masculinistas que significan célibes involuntarios- y representa la percepción de que el «sistema» está demasiado arraigado para cambiarlo y de que no hay esperanza ni para uno mismo ni para la sociedad. ¿La razón de esta desilusión? La creencia de que ya no hay sitio para los hombres en el mundo actual, donde reina el privilegio de la mujer.

Ante el fatalismo de esta dura realidad, a los blackpillados (los que se adhieren a la ideología) sólo les quedan unas pocas opciones: **rendirse y pudrirse, suicidarse o cometer un atentado extremista masivo y convertirse en mártir de la causa**⁹ (de ahí la importancia de ser cuidadoso a la hora de dar publicidad a lo que ocurre). En algunos casos, el resultado esperado para el autor de un atentado en una escuela es ser abatido por las fuerzas de seguridad, lo que irónicamente se denomina «suicidio por un policía», que aportará más prestigio al autor y aumentará así la posibilidad de inspirar a otros a seguir sus pasos.

Este es sólo un ejemplo de la desmotivación que puede afectar a chicos y jóvenes y que, al igual que otras formas de radicalización hacia el extremismo violento, forma parte de la cultura de **factores que empujan a los jóvenes**¹⁰ hacia procesos de autolesión y daño a

with which some young people seem to live. In a true attachment to a kind of non-reflective **nihilism**⁷, some boys, adolescents, and men frustrated with their social, economic, and emotional conditions, unable to see any possibility of change or hope for the future, seek refuge with misogynistic groups that reinforce their feelings. It is no coincidence that the term Black Pill appears among supporters of masculinist ideologies circulating on social networks.

According to the U.S.-based **Anti-defamation League**⁸, Black Pill is part of the ideology of the new far right and the incel movement – the name for masculinist groups meaning involuntary celibates – and represents the perception that the “system” is too entrenched to change and that there is no hope for either to oneself or society. The reason for this disillusionment? The belief that there is no longer a place for men in today’s world, where female privilege reigns.

Faced with the fatalism of this harsh reality, “Blackpilled” (those who adhere to the ideology) are left with only a few options: **give up and rot, commit suicide, or commit a mass extremist attack and become a martyr to the cause**⁹ (hence the importance of being careful in publicizing what is happening). In some cases, the expected outcome for the perpetrator of a school bombing is to be gunned down by law enforcement, ironically referred to as “suicide by cop,” which will bring more prestige to the perpetrator and thus increase the possibility of inspiring others to follow in his footsteps.

This is just one example of the demotivation that can affect boys and young men and, like other forms of radicalization towards violent extremism, is part of the culture of **factors that push young people**¹⁰ towards processes of self-harm and harm to others, especially **girls and women**¹¹.

Therefore, building life possibilities and promoting spaces of belonging that reconnect people in shared, communitarian, and supportive experiences is a fundamental strategy

otros, especialmente a **niñas y mujeres**¹¹.

Por ello, construir posibilidades de vida y promover espacios de **pertenencia**¹² que reconecten a las personas en experiencias compartidas, comunitarias y solidarias es una estrategia fundamental para prevenir la radicalización de los jóvenes, o incluso rescatarlos de la anomia y la atomización despersonalizadora que subyacen al suicidio social y colectivo que se extiende en nuestra sociedad.

En estos entornos emocionalmente inestables, nuestros jóvenes son vulnerables a los llamamientos autoritarios y violentos que se presentan como heroicos, como respuesta a la inestabilidad y la humillación cotidianas que son signos de esta atomización. Cerrar los ojos ante esta realidad significa desatender el futuro de las próximas generaciones. Mirarla, encontrar sus causas y trabajar para superarla es, ante todo, un compromiso ético, ciudadano y promotor de la democracia.

*Este texto forma parte del proyecto “(Re) conectar: aproximando personas para superar la violencia contra las escuelas”, con el apoyo institucional de L21.

RUDÁ RICCI

Doctor en Ciencias Sociales y presidente del Instituto Cultiva. Es coordinador nacional de la Articulación Brasileña del Pacto Global por la Educación (ABPEG), liderada mundialmente por el Papa Francisco.

LUÍS CARLOS PETRY

Psicoanalista y topólogo. Es profesor jubilado e investigador de la PUC-SP. Escribió el libro *Fascismo de masas* en colaboración con Rudá Ricci. Es colaborador del canal TV Cultiva en YouTube.

ANDRÉ BAKKER DA SILVEIRA

Director de investigación y proyectos del Instituto Aurora para la Educación en Derechos Humanos. Es máster en Filosofía por la Universidad Federal de Paraná (UFPR) y miembro titular de la Comisión Municipal de Derechos Humanos de Curitiba.

to prevent the radicalization of young people, or even rescue them from the anomie and depersonalizing atomization that underlie the social and collective suicide that is spreading in our society.

In these emotionally unstable environments, our young people are vulnerable to authoritarian and violent appeals that are presented as heroic, as a response to the daily instability and humiliation that are signs of this atomization. Closing our eyes to this reality means neglecting the future of the next generations. Looking at it, finding its causes, and working to overcome it is, above all, an ethical, civic, and democracy-promoting commitment.

*This text is part of the project “(Re)connecting: bringing people together to overcome violence against schools”, carried out by the Aurora Institute, with the institutional support of L21.

Translated by Janaína Ruviano da Silva

RUDÁ RICCI

Doctor in Social Sciences and president of the Cultiva Institute. He is national coordinator of the Brazilian Articulation of the Global Pact for Education (ABPEG), led worldwide by Pope Francis.

LUÍS CARLOS PETRY

Psychoanalyst and topologist. He is a retired professor and researcher at PUC-SP. He wrote the book *Fascismo de masas* together with Rudá Ricci. He is a contributor to the TV Cultiva channel on YouTube.

ANDRÉ BAKKER DA SILVEIRA

Director of research and projects at the Aurora Institute for Human Rights Education. He holds a master's degree in Philosophy from the Federal University of Paraná (UFPR) and is a full member of the Municipal Human Rights Commission of Curitiba.

↳ Link <https://latinoamerica21.com/en/societies-in-crisis-favor-extremism-and-suicide-among-young-people/>

↳ Link <https://latinoamerica21.com/es/las-sociedades-en-crisis-favorecen-el-extremismo-y-el-suicidio-entre-los-jovenes/>

↳ Publicaciones externas

[Nueva Rioja](#)

[Perfil](#)



3. INTERNET E VIOLÊNCIA ESCOLAR

Mariana Ochs, Bruno Ferreira e Ester Athanásio

Uma pesquisa recente da SaferNet¹ (2023) aponta que o discurso de ódio disseminado na internet cresceu nos últimos anos no Brasil, com especial atenção às discriminações de intolerância religiosa, xenofobia e neonazismo, crimes com registro de aumento no primeiro semestre de 2022 comparado ao mesmo período em 2021. A pesquisa, que iniciou seu levantamento em 2017, também observou que o discurso de ódio se prolifera ainda mais em anos eleitorais.

Embora os estudos ainda sejam preliminares, acredita-se que a narrativa do extremismo violento aliada às ofertas digitais seja um componente importante na motivação dos ataques armados registrados nas escolas brasileiras nos últimos anos. O conjunto de ferramentas e conteúdos digitais não podem ser simplesmente vistos como um inimigo a ser eliminado em prol da **segurança e da paz nas escolas**².

As tecnologias e fenômenos comunicativos que regem isso tudo estão cada vez mais invisíveis aos olhos do usuário comum; o que torna a compreensão deste cenário ainda mais difícil. Os algoritmos, sujeitos a lógicas e interesses empresariais, personalizam o que vemos a ponto de nos expor a recortes seletivos da realidade, direcionando comportamentos, moldando nossas opiniões de maneira muitas vezes prejudicial.

Essa mecânica acaba priorizando e reforçando o engajamento com conteúdos enviesados, ofensivos ou violentos, podendo inclusive empurrar determinados indivíduos mais suscetíveis para ambientes – e ações – que difundem o extremismo violento. É por isso que o debate sobre regulamentação das redes sociais e o chamamento à responsabilidade das grandes empresas de tecnologia têm um papel importante e deve ser intensificado.

O papel da educação midiática

Assim, é preciso um olhar crítico, maduro e preventivo sobre o ambiente digital – algo que a educação para as mídias nos oferece. A educação midiática é uma forma sustentável e duradoura, ainda que a longo prazo, para tentarmos reverter alguns desses fenômenos, e aproveitar o enorme potencial da tecnologia para a aproximação e colaboração entre grupos e comunidades.

A educação midiática desempenha um importante papel na

1 Grupo de Trabalho de especialistas em violência nas escolas entrega relatório ao MEC. Safernet. [s.l.] 7 nov. 2023. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/grupo-de-trabalho-de-especialistas-em-violencia-nas-escolas-entrega-relatorio-ao-mec>.

2 BRAVOS, Michele. Brasil e a crescente violência nas escolas. **Latinoamérica 21**. Montevideo, 2 jun. 2023. Seção Ideias. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/br/brasil-e-a-crescente-violencia-nas-escolas/>.

construção de uma sociedade saudável. Trata-se do compromisso em desenvolver habilidades críticas com relação às mídias e à informação, no sentido de preparar pessoas para acessar, analisar, produzir e disseminar mensagens de mídia criticamente, o que ajuda a fundamentar de forma mais segura as suas decisões e a envolver-se de forma construtiva no debate político.

Pessoas educadas midiaticamente tornam-se mais capazes de perceber violações de direitos como o racismo, o discurso de ódio e silenciamentos, e de fazer um uso ético das mídias para melhorar a sociedade e para exercitar sua cidadania. Essa abordagem é fundamental ainda no enfrentamento às diversas expressões da violência na sociedade e, mais especificamente, das novas violências contra a escola.

Nesse sentido, é urgente cuidar da formação de professores de todas as áreas (desde as licenciaturas) para que integrem estratégias de educação midiática a suas práticas pedagógicas cotidianas, de forma permanente, proporcionando um entendimento mais crítico do papel das mídias em nossa sociedade, e de nossas responsabilidades nesse ambiente.

Reconhecendo a educação midiática

Ao reconhecer o papel e o lugar da educação midiática nos currículos, posicionando-a como direito do estudante e condição básica para aprender e conviver em paz na sociedade, percebemos suas várias frentes de atuação.

A primeira delas é o desenvolvimento de habilidades para consumir informações de forma qualificada e responsável, o que envolve verificar a veracidade das mensagens e a confiabilidade das fontes e a construção mais criteriosa do entendimento de situações complexas, equilibrando quantidade e qualidade de informações, evitando o ciclo de ansiedade gerado pelo consumo excessivo e pouco reflexivo de informações. Isso é essencial para fazer frente às ondas de fake news e boatos que são em si uma forma de violência.

A segunda é o entendimento de que a circulação de desinformação viola os direitos humanos, e que todos somos responsáveis nesse ambiente: como leitores críticos que identificam a desinformação e atuam para brecá-la e como produtores conscientes que se expressam a partir de conteúdos confiáveis, éticos e respeitosos. Assim, a educação midiática é essencial para implicar estudantes e famílias na tarefa de quebrar a corrente de pânico e desinformação, no contexto de situações de violência.

Outra frente de atuação é a desnaturalização da retórica violenta e/ou discriminatória de posts, piadas e memes desrespeitosos que perpetuam preconceitos ou reforçam desigualdades – e que, portanto, dessensibilizam pessoas para os problemas sociais, podendo até violar direitos. Entender o alcance e as consequências das mensagens que produzimos e compartilhamos é essencial para a construção de uma cultura que valoriza, e não apenas aceita, as diferenças. Trata-se de uma abordagem essencial para ressignificar as redes como espaço de conexão e participação, e não de isolamento.

Pedagogia da comunicação para uma convivência pacífica

Ao adotar uma abordagem colaborativa e participativa, projetos de educomunicação e comunicação popular podem ajudar a criar um ambiente escolar mais pacífico e justo, essencial para enfrentar os desafios crônicos da violência escolar de maneira sustentável e duradoura. Dessa forma, a comunicação na escola vai além do saber disciplinar, tornando-se uma pedagogia necessária à construção de vínculos, à valorização da diversidade e ao acolhimento da diferença.

Nesse sentido, as práticas pedagógicas devem, transversalmente, abrir espaço para que os estudantes expressem e reflitam sobre seus hábitos midiáticos, não apenas para tornar a aprendizagem mais significativa, mas também para que compreendam a escola como um espaço de desenvolvimento da própria identidade. Além disso, a educação midiática pode funcionar como um elo entre outras abordagens fundamentais que passam por temas como democracia, direitos humanos, cidadania e suas diversas incidências nos ambientes online e físico.

Essas reflexões em idade escolar também são poderosas para provocar o debate entre estudantes e pessoas do seu entorno que tenham alguma defasagem em educação digital. O letramento midiático pode ser um pretexto interessante para educar para cidadania e para paz, promovendo conversas entre pessoas com papéis distintos na comunidade escolar, mas que compartilham preocupações e responsabilidades comuns.

É fundamental refletir sobre como expandir os espaços de participação escolar para o dia a dia da sala de aula, não restringindo essa vivência democrática a pequenos grupos de estudantes que participam do grêmio ou do jornal escolar. Esses espaços precisam inspirar a abertura de inúmeros outros que garantam a todos os estudantes o direito de pertencimento e expressão nesse lugar.

*Este texto faz parte do projeto (Re)conectar: aproximando pessoas para superar a violência às escolas, realizado pelo Instituto Aurora, com apoio institucional do L21.

MARIANA OCHS Coordenadora do EducaMídia, programa de educação midiática do Instituto Palavra Aberta, e co-autora do Guia da Educação Midiática. Pós-graduada em Letramento Digital pela Universidade de Rhode Island, EUA, atualmente pesquisa o letramento algorítmico de crianças e jovens na USP.

BRUNO FERREIRA Assessor pedagógico do EducaMídia, programa de educação midiática do Instituto Palavra Aberta. Jornalista e professor, mestre em Ciências da Comunicação e especialista em Educomunicação pela ECA/USP.

ESTER ATHANÁSIO Consultora do Instituto Aurora, jornalista, mestre em Comunicação e Doutoranda em Políticas Públicas pela UFPR.

↳ Link <https://latinoamerica21.com/pt-br/internet-y-la-violencia-escolar/>

INTERNET Y LA VIOLENCIA ESCOLAR

Mariana Ochs, Bruno Ferreira y Ester Athanásio

Una encuesta reciente de SaferNet¹

(2023) señala que el discurso de odio difundido en Internet ha crecido en los últimos años en Brasil, con especial atención a la discriminación de la intolerancia religiosa, la xenofobia y el neonazismo, crímenes con un aumento récord en el primer semestre de 2022 en comparación con el mismo período de 2021. La investigación, que comenzó en 2017, también señaló que el discurso de odio prolifera aún más en años electorales.

Aunque los estudios aún son preliminares, se cree que la narrativa del extremismo violento combinada con la oferta digital es un componente importante en la motivación de los ataques armados registrados en las escuelas brasileñas en los últimos años. Las herramientas y contenidos digitales no pueden ser vistos simplemente como un enemigo a ser eliminado en favor de la **seguridad y la paz en las escuelas**².

Las tecnologías y los fenómenos comunicativos que rigen todo esto son cada vez más invisibles para el usuario medio, lo que dificulta aún más la comprensión de este escenario. Los algoritmos, sometidos a la lógica y a los intereses empresariales, personalizan lo que vemos hasta el punto de exponernos a retazos selectivos de la realidad, dirigiendo comportamientos y moldeando nuestras opiniones de forma muchas veces perjudicial.

Estas mecánicas acaban priorizando y reforzando la participación en contenidos sesgados, ofensivos o violentos, e incluso pueden empujar a ciertas personas más susceptibles a entornos -y acciones- que propagan el extremismo violento. Por eso, el debate sobre la regulación de las redes sociales y la exigencia de responsabilidades a las grandes empresas tecnológicas desempeña un papel importante y debe intensificarse.

INTERNET AND SCHOOL VIOLENCE

Mariana Ochs, Bruno Ferreira and Ester Athanásio

A recent survey by SaferNet¹ (2023)

indicates that hate speech spread on the Internet has increased recently in Brazil, with a special focus on discrimination of religious intolerance, xenophobia, and neo-Nazism. Such crimes with a record increase in the first half of 2022 compared to the same period in 2021. The research, which began in 2017, also noted that hate speech proliferates even more in election years.

Although the studies are still preliminary, it is believed that the narrative of violent extremism combined with digital supply is an important component in the motivation of armed attacks recorded in Brazilian schools recently. Digital tools and content cannot be seen simply as an enemy to be eliminated in favor of **security and peace in schools**².

The technologies and communicative phenomena that govern all these issues are increasingly invisible to the average user, making it even more difficult to understand this scenario. Algorithms, subject to logic and business interests, personalize what we see to the point of exposing us to selective fragments of reality, directing behaviors, and shaping our opinions in often detrimental ways.

These mechanics end up prioritizing and reinforcing participation in biased, offensive, or violent content, and can even push certain people more susceptible to environments – and actions – that diffuse violent extremism. This is why the debate on regulating social networks and holding large technology companies accountable plays an important role and should be intensified.

The role of media education

We therefore need a critical, mature, and preventive approach to the digital environment, something that media education offers us. Media education is a sustainable, long-term way of trying to reverse some of these phenomena

El papel de la educación mediática

Por tanto, necesitamos un enfoque crítico, maduro y preventivo del entorno digital, algo que nos ofrece la educación mediática. La educación mediática es una forma sostenible y a largo plazo de intentar invertir algunos de estos fenómenos y aprovechar el enorme potencial de la tecnología para acercar y colaborar entre grupos y comunidades.

La educación mediática desempeña un papel importante en la construcción de una sociedad sana. Es un compromiso con el desarrollo de competencias críticas en relación con los medios de comunicación y la información, en el sentido de preparar a las personas para acceder, analizar, producir y difundir mensajes mediáticos de forma crítica, lo que les ayuda a fundamentar sus decisiones con mayor seguridad y a participar constructivamente en el debate político.

Las personas alfabetizadas mediáticamente son más capaces de percibir violaciones de derechos como el racismo, la incitación al odio y el silenciamiento, y de hacer un uso ético de los medios de comunicación para mejorar la sociedad y ejercer su ciudadanía. Este enfoque también es fundamental para hacer frente a las diversas expresiones de violencia en la sociedad y, más concretamente, a las nuevas formas de violencia contra las escuelas.

En este sentido, urge capacitar a los docentes de todas las áreas (desde el nivel de pregrado) para que integren estrategias de educación en medios en sus prácticas cotidianas de enseñanza de manera permanente, proporcionando una comprensión más crítica del papel de los medios en nuestra sociedad y de nuestras responsabilidades en este entorno.

Reconocer la educación mediática

Al reconocer el papel y el lugar de la educación mediática en los planes de estudio, situándola como un derecho de los estudiantes y una condición básica para aprender y vivir

and harness the enormous potential of technology to bring groups and communities closer together and collaborate.

Media education plays an essential role in building a healthy society. It is a commitment to the development of critical media and information literacy skills, in the sense of preparing people to access, analyze, produce, and disseminate media messages critically, which helps them to base their decisions more confidently and to participate constructively in political debate.

Media-literate people are better able to perceive rights violations such as racism, hate speech, and silencing, and to make ethical use of the media to improve society and exercise their citizenship. This approach is also fundamental in addressing the various expressions of violence in society and, more specifically, new forms of violence against schools.

In this manner, it is urgent to train teachers in all areas (from the undergraduate level) to integrate media education strategies into their daily teaching practices permanently, providing a more critical understanding of the media's role in our society and our responsibilities in this environment.

Recognizing media education

By recognizing the role and place of media education in the curricula, situating it as a right of students and a basic condition for learning and living peacefully in society, we can see its various fronts of action.

The first of these is the development of skills to consume information in a qualified and responsible way. This implies checking the veracity of messages and the reliability of sources, building a more judicious understanding of complex situations, balancing quantity and quality of information, and avoiding the cycle of anxiety generated by excessive and thoughtless consumption of information. This is essential to deal with the waves of fake news and rumors that are a form of violence.

pacíficamente en sociedad, podemos ver sus diversos frentes de actuación.

El primero de ellos es el desarrollo de habilidades para consumir información de forma cualificada y responsable, lo que implica comprobar la veracidad de los mensajes y la fiabilidad de las fuentes y construir una comprensión más juiciosa de situaciones complejas, equilibrando cantidad y calidad de la información, evitando el ciclo de ansiedad generado por el consumo excesivo e irreflexivo de información. Esto es esencial para hacer frente a las oleadas de fake news y rumores que son en sí mismos una forma de violencia.

La segunda es comprender que la circulación de desinformación viola los derechos humanos, y que todos somos responsables en este entorno: como lectores críticos que identifican la desinformación y actúan para detenerla, y como productores conscientes que se expresan a través de contenidos fiables, éticos y respetuosos. La educación mediática es, por tanto, esencial para implicar a alumnos y familias en la tarea de romper la cadena de pánico y desinformación en el contexto de situaciones violentas.

Otro frente de actuación es desnaturalizar la retórica violenta y/o discriminatoria de posts, chistes y memes irrespetuosos que perpetúan prejuicios o refuerzan desigualdades – y que, por tanto, insensibilizan a las personas ante los problemas sociales y pueden llegar a vulnerar derechos. Comprender el alcance y las consecuencias de los mensajes que producimos y compartimos es esencial para construir una cultura que valore, y no sólo acepte, las diferencias. Se trata de un enfoque esencial para resignificar las redes como espacio de conexión y participación, en lugar de aislamiento.

Pedagogía de la comunicación para la coexistencia pacífica

Adoptando un enfoque colaborativo y participativo, los proyectos de educomunicación y comunicación popular

The second is to understand that the circulation of disinformation violates human rights. In addition, we are all responsible in this environment: as critical readers who identify disinformation and act to stop it, and as conscious producers who express themselves through reliable, ethical, and respectful content. Media education is, therefore, essential to involve students and families in the task of breaking the chain of panic and disinformation in the context of violent situations.

Another front of action is to denaturalize the violent and discriminatory rhetoric of disrespectful posts, jokes, and memes that perpetuate prejudices or reinforce inequalities – and thus desensitize people to social problems and may even violate rights. Understanding the scope and consequences of the messages we produce and share is essential to building a culture that values, not just accepts, differences. This is an essential approach to redefine networks as a space for connection and participation, instead of isolation.

Communication pedagogy for peaceful coexistence

By adopting a collaborative and participatory approach, education-communication and popular communication projects can contribute to creating a more peaceful and just school environment, essential to sustainably and durably address the chronic challenges of school violence. In this way, school communication goes beyond disciplinary knowledge, becoming a necessary pedagogy for building bonds, valuing diversity, and welcoming differences.

In this matter, pedagogical practices should, in a transversal way, allow students to express and reflect on their media habits, not only to make learning more meaningful but also to understand school as a space for the development of their own identity. Furthermore, media education can serve as a nexus between other fundamental approaches that include topics such as democracy, human rights, citizenship, and its various impacts

pueden contribuir a crear un entorno escolar más pacífico y justo, esencial para afrontar de forma sostenible y duradera los desafíos crónicos de la violencia escolar. De este modo, la comunicación en la escuela va más allá del conocimiento disciplinar, convirtiéndose en una pedagogía necesaria para construir vínculos, valorar la diversidad y acoger la diferencia.

En este sentido, las prácticas pedagógicas deben, de forma transversal, dar cabida a que los alumnos expresen y reflexionen sobre sus hábitos mediáticos, no sólo para que el aprendizaje sea más significativo, sino también para que entiendan la escuela como un espacio de desarrollo de su propia identidad. Además, la educación mediática puede servir de nexo entre otros enfoques fundamentales que incluyen temas como la democracia, los derechos humanos, la ciudadanía y sus diversas incidencias en los entornos online y físico.

Estas reflexiones en edad escolar también son poderosas para provocar el debate entre los estudiantes y las personas de su entorno que se están quedando atrás en la educación digital. La alfabetización mediática puede ser un pretexto interesante para educar, para la ciudadanía y la paz, promoviendo conversaciones entre personas con diferentes roles en la comunidad escolar, pero que comparten preocupaciones y responsabilidades comunes.

Es fundamental reflexionar sobre cómo ampliar los espacios de participación escolar a la vida cotidiana en el aula, no restringiendo esta experiencia democrática a pequeños grupos de alumnos que participan en el consejo de estudiantes o en el periódico escolar. Estos espacios deben inspirar la apertura de otros innumerables que garanticen a todos los alumnos el derecho a pertenecer y expresarse en este lugar.

*Este texto forma parte del proyecto “(Re)conectar: aproximando personas para superar la violencia contra las

on online and physical environments.

These school-age reflections are also powerful in provoking discussion among students and those around them who are lagging in digital education. Media literacy can be an interesting pretext to educate, for citizenship and peace, promoting conversations between people with different roles in the school community, but who share common concerns and responsibilities.

It is essential to reflect on how to extend the spaces for school participation to everyday life in the classroom, not restricting this democratic experience to small groups of students participating in the student council or the school newspaper. These spaces should inspire the opening of countless others that guarantee all students the right to belong and express themselves in this place.

*This text is part of the project “(Re)connecting: bringing people together to overcome violence against schools”, carried out by the Aurora Institute, with the institutional support of L21.

Translated by Janaína Ruviano da Silva

MARIANA OCHS

Coordinator of EducaMídia, the media education program of Instituto Palavra Aberta, and co-author of the Media Education Guide. Postgraduate in Digital Literacy from the University of Rhode Island, USA, she is currently researching the algorithmic literacy of children and young people at USP.

BRUNO FERREIRA

Pedagogical advisor of EducaMídia, the media education program of Instituto Palavra Aberta. Journalist and teacher. He holds a master's degree in Communication Sciences. Specialized in Educommunication by ECA/USP.

ESTER ATHANÁSIO

Consultant at the Aurora Institute

escuelas”, del Instituto Aurora, con el apoyo institucional de L21.

MARIANA OCHS

Coordinadora de EducaMídia, el programa de educación en mediática del Instituto Palavra Aberta, y coautora de la Guía de Educación en Medios. Postgraduada en Alfabetización Digital por la Universidad de Rhode Island, EE.UU., actualmente investiga la alfabetización algorítmica de niños y jóvenes en la USP.

BRUNO FERREIRA

Asesor pedagógico de EducaMídia, el programa de educación mediática del Instituto Palavra Aberta. Periodista y profesor, máster en Ciencias de la Comunicación y especializado en Educomunicación por la ECA/USP.

ESTER ATHANÁSIO

Consultora del Instituto Aurora, periodista, máster en Comunicación y doctoranda en Políticas Públicas por la UFPR.

↳ Link <https://latinoamerica21.com/es/internet-y-la-violencia-escolar/>

↳ Publicaciones externas

Tal Cual

La Patria

and a journalist. She holds a master’s degree in Communication and is a Ph.D. candidate in Public Policy at UFPR.

↳ Link <https://latinoamerica21.com/en/internet-and-school-violence/>

“

Eu brinco que já nasci professora, quando era pequena eu dava aula para as minhas bonecas. Agora, não consigo nem pensar em entrar em uma escola sem sentir um nó na garganta. Aquele rapaz não conseguiu tirar minha vida, mas tirou de mim a minha profissão, o meu sonho.”

Aristênia Mancini Martim, professora*

“Juego diciendo que nací siendo profesora; cuando era pequeña, enseñaba a mis muñecas. Ahora, ni siquiera puedo pensar en entrar a una escuela sin sentir un nudo en la garganta. Ese joven no logró quitarme la vida, pero me quitó mi profesión, mi sueño.”
Aristênia Mancini Martim, profesora

“I joke that I was born a teacher; when I was little, I used to teach my dolls. Now, I can't even think about entering a school without feeling a lump in my throat. That young man couldn't take my life, but he took away my profession, my dream.”
Aristênia Mancini Martim, teacher

* PALHARES, Isabela; XAVIER, Karime. Ele não tirou minha vida, mas levou minha profissão, diz professora vítima de ataque em escola. **Folha de S. Paulo**, 11 mai. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/ele-nao-tirou-minha-vida-mas-levou-minha-profissao-diz-professora-vitima-de-ataque-em-escola.shtml>.

4. O ÓDIO A MULHERES NA RAIZ DO EXTREMISMO VIOLENTO

Bruna Camilo e Michele Bravos

Em 2023 temos visto um crescente debate sobre misoginia e a disseminação de discursos masculinistas na internet brasileira. Grupos masculinistas, ou seja, meninos e homens que menosprezam e odeiam mulheres a partir de uma lógica misógina, têm conquistado espaços em canais de YouTube, plataformas de jogos online, grupos de aplicativos de mensagens, fóruns e blogs com um discurso marcado pelo ressentimento.

Percebe-se que o ressentimento é o que une não somente grupos misóginos, mas a extrema direita como um todo¹. O incômodo pela avanço dos direitos das mulheres, da população LGBTQIA+ e de negras e negros, por exemplo, organiza essas pessoas em prol de uma revolta violenta já que, para um misógino, esses avanços trazem um sentimento de retrocesso dos direitos dos homens e de redução da sua masculinidade.

Para os grupos misóginos, as mulheres são as grandes inimigas da sociedade, sendo necessário que retornem para os espaços privados de sujeição. Para eles, mulheres são aproveitadoras, manipuladoras, interesseiras e merecem todo castigo possível. São “diabolheres” e “merdalheres”. O ódio se estende para mulheres da extrema direita, política comum dos grupos misóginos. São as “conservadias” que não mereciam estar em espaços de poder mesmo sendo ferramenta de disseminação de discursos machistas.

Movidos por essas ideias em um ambiente virtual que mais impulsiona do que freia a misoginia, meninos e homens já dessensibilizados – e, portanto, mais vulneráveis aos discursos de extremismo violento – conhecem comunidades virtuais que acolhem o seu ressentimento, como também o sentimento de não-pertencimento, de rejeição e de indignação com as instituições. Na trama desses grupos masculinistas estão entendimentos distorcidos sobre gênero e sexualidade – componentes essenciais na compreensão da identidade de um indivíduo e por isso tão presentes nos discursos de radicalização.

Há no ambiente virtual, por exemplo, comunidades de incels, celibatários involuntários, meninos e homens que se sentem rejeitados sentimentalmente por não se adequarem a um padrão social. Para eles, existe uma regra que rege um suposto “mercado sexual”, o qual descreve as relações de atração entre homens e mulheres. A regra, conhecida como “80/20”, supõe que 80% das mulheres se atraem por apenas 20% dos homens considerados socialmente superiores na

1 CAMILO, Bruna. **Masculinismo: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil**. Tese – PUCMG: Belo Horizonte, 2023. Disponível em: http://biblioteca.pucminas.br/teses/CienciasSociais_BrunaCamiloDeSouzaLimaESilva_30430_Textocompleto.pdf.

sociedade. Esses 20% são os homens “alfa” e os outros 80% são os homens “beta”.

Assim, percebe-se que o que antes eram conceitos utilizados pelos masculinistas, tornam-se movimentos, como é o caso dos redpill e blackpill. Estar “redpillado” significava acordar para a verdade, em referência ao filme “Matrix” quando o personagem Neo tem a escolha de tomar a bluepill e permanecer na ignorância ou escolher a redpill e, enfim, conhecer toda a verdade. A verdade, para esses grupos, é de que a sociedade é dominada pelas mulheres, que estão em vantagem sobre os homens. Já os blackpill representam uma vertente mais fatalista, entendendo que não havendo jeito de mudar a sociedade e estando eles destinados à exclusão, desistem de uma relação amorosa com mulheres e abordam **o suicídio com frequência**².

É nesse cenário que a mercantilização da misoginia a partir da venda de cursos de “como conquistar uma mulher”, “como ser um homem de sucesso”, “como atrair a mulher certa” deve soar como um alerta. A primeira vista podem não representar grande risco, mas são uma porta de entrada – hoje, explícita e legitimada – para um processo de radicalização, uma vez que são permeados de incitação à subalternização das mulheres – o que futuramente leva à discriminação de outros grupos – em um ambiente virtual que opera como aliado da misoginia e de todo tipo de ódio.

Do online para o off-line

Não é possível afirmar que todo integrante de um grupo masculinista online, que possivelmente manifeste discriminações no ambiente virtual, praticará violência no mundo off-line. Porém, ao adentrar nesses grupos, seus integrantes têm o sentimento de rejeição – comum em suas trajetórias – mobilizado para o ódio a grupos minorizados, assim como são expostos a uma idolatria àqueles indivíduos que um dia “se rebelaram contra as instituições/o sistema” e protagonizaram um ataque off-line (**na maioria das vezes, contra escolas**)³.

O caso de Suzano (SP), ocorrido em 2019, quando dois jovens atacaram uma escola deixando 11 feridos e 8 mortos, é um exemplo dessa conexão. Há indícios de que um dos autores do crime teria buscado informações em um fórum de incels para planejar o ataque.

A pesquisadora Mariana Valente, escritora do livro Misoginia na Internet, lembra a importância de perceber os ambientes online e off-line como um sendo a continuidade do outro. Isso ajuda a entender a história emaranhada de meninos e homens ressentidos, que no processo de radicalização para o extremismo violento, são incitados a transpor seu ódio do online para o off-line, o que, posteriormente, repercutirá no online, retroalimentando a violência.

2 PETRY, Luís Carlos; RICCI, Rudá; SILVEIRA, André Bakker. As sociedades em crise favorecem o extremismo e o suicídio entre jovens. *Latinoamérica 21*. Montevideo, 25 set. 2023. Seção Ideias. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/br/as-sociedades-em-crise-favorecem-o-extremismo-e-o-suicidio-entre-jovens/>.

3 BRAVOS, Michele. Brasil e a crescente violência nas escolas. *Latinoamérica 21*. Montevideo, 2 jun. 2023. Seção Ideias. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/br/brasil-e-a-crescente-violencia-nas-escolas/>.

Disputa do espaço online

Não é possível apontar se existem “perdedores” ou “ganhadores” no ciberativismo. A disputa de narrativa e de espaços de debate e poder está em jogo. Essa disputa passa pela **produção de conteúdo e notícias**⁴, que chegam em nossas mãos por questão de segundos e, muitas delas, configuradas como notícias falsas e, desta forma, caracterizando o que chamamos de “pós-verdade”.

É nesse contexto que caminhamos para 2024, em uma crescente disputa entre a busca por maiores direitos dos grupos historicamente subalternizados e violentados e uma ofensiva neoliberal e radicalizada que odeia, especialmente, mulheres, pessoas LGBTQIA+, negras e negros e não se importam com os altos números de feminicídios, lgbt-fobia e racismo.

Assim, é necessário formular estratégias de prevenção à radicalização, políticas públicas que atravessem a educação, a assistência social, sem medo de falarmos sobre igualdade de gênero e outras masculinidades possíveis – distantes de um padrão que se expressa pela opressão do outro. É igualmente necessário que se observe de perto o que os jovens têm buscado nas redes sociais, propondo-se alternativas que os retirem da rota da radicalização. Além disso, os adultos precisam se inserir no debate para que reflitam sobre o seu papel na construção de uma sociedade que não seja ressentida.

*Este texto faz parte do projeto (Re)conectar: aproximando pessoas para superar a violência às escolas, realizado pelo Instituto Aurora, com apoio institucional do L21.

BRUNA CAMILO Doutora em Ciências Sociais pela PUC Minas. Mestra em Ciência Política pela UFMG. Membro da Associação Visibilidade Feminina. Pesquisa gênero, misoginia e extrema direita.

MICHELE BRAVOS Diretora Executiva do Instituto Aurora de Educação em Direitos Humanos. Mestre em Direitos Humanos e Políticas Públicas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

↳ Link <https://latinoamerica21.com/pt-br/o-odio-a-mulheres-na-raiz-do-extremismo-violento/>

4 ATHANÁSIO, Ester; FERREIRA, Bruno; OCHS, Mariana. Internet e violência escolar. *Latinoamérica 21*. Montevideo, 10 nov. 2023. Seção Ideias. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/pt-br/internet-y-la-violencia-escolar/>.

EL ODIO A LA MUJER EN LA RAÍZ DEL EXTREMISMO VIOLENTO

Bruna Camilo y Michele Bravos

En 2023 hemos asistido a un creciente debate sobre la misoginia y la propagación del discurso masculinista en la internet brasileña. Grupos masculinistas, es decir, niños y hombres que menosprecian y odian a las mujeres a partir de una lógica misógina, han conquistado espacios en canales de YouTube, plataformas de juegos en línea, grupos de aplicaciones de mensajería, foros y blogs con un discurso marcado por el resentimiento.

Está claro que el resentimiento es lo que une no sólo a los grupos misóginos, sino a la extrema derecha en su conjunto¹. El descontento ante el avance de los derechos de las mujeres, los derechos de las personas LGBTQIA+ y los derechos de los hombres y mujeres negros, por ejemplo, organiza a estas personas en una revuelta violenta porque, para un misógino, estos avances traen consigo una sensación de regresión en los derechos de los hombres y una reducción de su masculinidad.

Para los grupos misóginos, las mujeres son las grandes enemigas de la sociedad y deben ser devueltas a espacios privados de sometimiento. Para ellos, las mujeres son aprovechadas, manipuladoras, interesadas y merecen todos los castigos posibles. El odio se extiende a las mujeres de extrema derecha, una política habitual de los grupos misóginos. Son las «conservadoras» que no merecen estar en posiciones de poder, aunque sean una herramienta para difundir el discurso sexista.

Impulsados por estas ideas en un entorno virtual que fomenta la misoginia en lugar de frenarla, niños y hombres ya insensibilizados –y por tanto más vulnerables a los discursos extremistas violentos– se encuentran con comunidades virtuales que albergan su resentimiento, así como sus sentimientos de no pertenencia, rechazo e indignación hacia las instituciones. En el entramado de estos grupos masculinistas se encuentran concepciones

HATRED OF WOMEN IN THE ROOT OF VIOLENT EXTREMISM

Bruna Camilo and Michele Bravos

In 2023, we have witnessed an increasing debate about misogyny and the spread of masculinist discourse on the Brazilian internet. Masculinist groups, that is, boys and men who belittle and hate women based on misogynistic logic, have conquered spaces on YouTube channels, online gaming platforms, messaging application groups, forums, and blogs with a discourse marked by resentment.

It is clear that resentment is what unites not only misogynist groups but the far right as a whole¹. Discontent at the advancement of women's rights, LGBTQIA+ rights, and the rights of black men and women, for example, organizes these people into violent revolt because, for a misogynist, these advances bring with them a sense of regression in men's rights and a reduction in their masculinity.

For misogynist groups, women are the great enemies of society and must be returned to private spaces of subjugation. For them, women are exploited, manipulative, self-serving and deserve all possible punishments. The hatred extends to women on the extreme right, a common policy of misogynist groups. They are the “conservatives” who do not deserve to be in positions of power, even if they are a tool to spread sexist discourse.

Driven by these ideas in a virtual environment that encourages misogyny instead of curbing it, boys and men already desensitized – and therefore more vulnerable to violent extremist discourses – find themselves with virtual communities that harbor their resentment, as well as their feelings of not belonging, rejection and indignation towards institutions. Within the fabric of these masculinist groups are distorted conceptions of gender and sexuality, essential components for understanding an individual's identity and, therefore, so present in the discourses of radicalization.

distorsionadas del género y la sexualidad, componentes esenciales para entender la identidad de un individuo y, por tanto, tan presentes en los discursos de radicalización.

En el entorno virtual, por ejemplo, existen comunidades de incels, célibes involuntarios, niños y hombres que se sienten rechazados sentimentalmente por no ajustarse a una norma social. Para ellos, existe una regla que rige un supuesto «mercado sexual», que describe las relaciones de atracción entre hombres y mujeres. La regla, conocida como «80/20», supone que el 80% de las mujeres sólo se sienten atraídas por el 20% de los hombres considerados socialmente superiores. Este 20% son los hombres «alfa» y el otro 80% son los hombres «beta».

Así, lo que antes eran conceptos utilizados por los masculinistas se han convertido en movimientos, como es el caso de redpill y blackpill. Ser «redpilled» significaba despertar a la verdad, en referencia a la película «Matrix» cuando el personaje Neo tiene la opción de tomar la píldora azul y permanecer ignorante o elegir la píldora roja y conocer finalmente toda la verdad. Para estos grupos, la verdad es que la sociedad está dominada por las mujeres, que tienen ventaja sobre los hombres. La píldora negra, en cambio, representa un enfoque más fatalista, pues cree que no hay forma de cambiar la sociedad y que están destinados a la exclusión, por lo que renuncian a las relaciones románticas con mujeres y a menudo contemplan el suicidio².

Es en este contexto en el que la comercialización de la misoginia a través de la venta de cursos sobre «cómo conquistar a una mujer», «cómo ser un hombre de éxito» y «cómo atraer a la mujer adecuada» debería sonar como una advertencia. A primera vista pueden no suponer mucho riesgo, pero son una puerta de entrada –ahora explícita y legitimada– a un proceso de radicalización, ya que están impregnados de incitación a la subordinación de la mujer –que en el futuro conduce a la discriminación de otros colectivos– en un entorno virtual que opera como aliado de la misoginia y de todo tipo de odios.

In the virtual environment, for example, there are communities of incels (involuntary celibates), boys, and men who feel sentimentally rejected for not conforming to a social norm. For them, there is a rule that governs a supposed “sexual market”, which describes the attraction of relationships between men and women. The rule, known as “80/20,” assumes that 80% of women are only attracted to the 20% of men considered socially superior. This 20% are the “alpha” men and the other 80% are the “beta” men.

Thus, what was once concepts used by masculinists have become movements, such as red pill and black pill. To be “redpilled” meant to wake up to the truth, in reference to the movie “Matrix” when the character Neo has the choice of taking the blue pill and remaining ignorant or choosing the red pill and finally knowing the whole truth. For these groups, the truth is that society is dominated by women, who have an advantage over men. The black pill, on the other hand, represents a more fatalistic approach, believing that there is no way to change society and that they are destined for exclusion, so they give up romantic relationships with women and often contemplate suicide².

It is in this context that the commercialization of misogyny through the sale of courses on “how to conquer a woman”, “how to be a successful man” and “how to attract the right woman” should sound a warning. At first glance, they may not pose much risk, but they are a gateway – now explicit and legitimized – to a process of radicalization, as they are permeated with incitement to the subordination of women – which in the future leads to the discrimination of other collectives – in a virtual environment that operates as an ally of misogyny and all kinds of hatreds.

From online to offline

It is not possible to claim that all members of an online masculinist group, who possibly express discrimination in the virtual environment, will practice violence in the offline world. However, when they join these groups, their members

De lo online a lo offline

No es posible afirmar que todos los miembros de un grupo masculinista en línea, que posiblemente expresan discriminación en el entorno virtual, practicarán la violencia en el mundo fuera de línea. Sin embargo, cuando se unen a estos grupos, sus miembros tienen el sentimiento de rechazo –común en sus trayectorias– movilizado para odiar a grupos minoritarios, además de estar expuestos a una idolatría de aquellos individuos que una vez «se rebelaron contra las instituciones/el sistema» y llevaron a cabo un ataque offline (la mayoría de las veces contra escuelas³).

El caso de Suzano en la ciudad de San Pablo en 2019, cuando dos jóvenes atacaron una escuela dejando 8 muertos y once heridos, es un ejemplo de esta conexión. Hay indicios de que uno de los autores buscó información en un foro incel para planear el ataque.

La investigadora Mariana Valente, autora del libro *Misoginia en Internet*, nos recuerda la importancia de percibir los entornos online y offline como un continuo el uno del otro. Esto ayuda a comprender la enmarañada historia de chicos y hombres resentidos que, en el proceso de radicalización hacia el extremismo violento, se ven incitados a trasladar su odio de lo online a lo offline, lo que luego repercutirá online, retroalimentando la violencia.

Disputa por el espacio en línea

No es posible decir si hay «perdedores» o «ganadores» en el ciberactivismo. Lo que está en juego es la disputa por la narrativa y los espacios de debate y poder. Esta disputa involucra la producción de contenidos y noticias⁴, que llegan a nuestras manos en cuestión de segundos y muchas de las cuales se configuran como fake news, caracterizando así lo que llamamos «posverdad».

En este contexto sigue aumentando las disputas entre la búsqueda de mayores derechos para los grupos históricamente subalternizados y violentados y una ofensiva neoliberal y radicalizada que

have the feeling of rejection – common in their trajectories – mobilized to hate minority groups, as well as being exposed to an idolization of those individuals who once “rebelled against institutions/the system” and carried out an offline attack (most of the time against schools³).

The Suzano case in the city of São Paulo in 2019, when two youths attacked a school leaving 8 dead and eleven injured, is an example of this connection. There are indications that one of the perpetrators sought information on an incel forum to plan the attack.

Researcher Mariana Valente, author of the book *Misoginia na Internet* (Misogyny on the Internet), reminds us of the importance of perceiving online and offline environments as a continuum of each other. This helps to understand the tangled history of resentful boys and men who, in the process of radicalization toward violent extremism, are incited to transfer their hatred from online to offline, which will then reverberate online, feeding back into the violence.

Dispute over online space

It is not possible to say whether there are “losers” or “winners” in cyberactivism. What is at stake is the dispute over the narrative and the spaces of debate and power. This dispute involves the production of content and news⁴, which reach our hands in a matter of seconds, many of which are configured as fake news, thus characterizing what we call “post-truth”.

In this context, disputes continue to increase between the search for greater rights for people historically in a subaltern position and violated groups and a neoliberal and radicalized offensive that hates women, LGBTQIA+ people, and people of color and does not care about the high numbers of femicides, LGBTQIA+ phobia, and racism.

Therefore, it is necessary to formulate strategies for the prevention of radicalization, and public policies transversal to education and social assistance, without fear of talking about

odia especialmente a las mujeres, a las personas LGBTQIA+, a las personas negras y no se preocupa por los altos números de feminicidios, lgbtfobia y racismo.

Por lo tanto, es necesario formular estrategias de prevención de la radicalización, políticas públicas transversales a la educación y a la asistencia social, sin miedo a hablar de igualdad de género y de otras masculinidades posibles, alejadas de un patrón que se expresa a través de la opresión del otro. También hay que mirar más de cerca lo que los jóvenes buscan en las redes sociales, proponiendo alternativas que los alejen del camino de la radicalización. Además, hay que incluir a los adultos en el debate para que reflexionen sobre su papel en la construcción de una sociedad no resentida.

*Este texto forma parte del proyecto “(Re)conectar: aproximando personas para superar la violencia contra las escuelas”, llevado a cabo por el Instituto Aurora, con el apoyo institucional de L21.

BRUNA CAMILO

Doctora en Ciencias Sociales por la PUC Minas. Máster en Ciencias Políticas por la UFMG. Miembro de la Asociación Visibilidad Mujer. Investiga sobre género, misoginia y extrema derecha.

MICHELE BRAVOS

Directora Ejecutiva del Instituto Aurora para Educación en Derechos Humanos. Máster en Derechos Humanos y Políticas Públicas por la Pontificia Universidad Católica de Paraná (PUCPR).

↳ Link <https://latinoamerica21.com/es/el-odio-a-la-mujer-en-la-raiz-del-extremismo-violento/>

↳ Publicaciones externas

[El Nacional](#)

[Sin Embargo](#)

gender equality and other possible masculinities, away from a pattern that is expressed through the oppression of the other. We must also take a closer look at what young people are looking for on social networks, proposing alternatives that steer them away from the path of radicalization. In addition, adults must be included in the debate so that they can reflect on their role in the construction of a non-resentful society.

*This text is part of the project “(Re)connecting: bringing people together to overcome violence against schools”, carried out by the Aurora Institute, with the institutional support of L21.

Translated by Adriana Ramírez

BRUNA CAMILO

Bruna Camilo has a PhD in Social Sciences from PUC Minas. She has a master’s degree in Political Science from UFMG. She is a member of the Women’s Visibility Association. She researches gender, misogyny and the far right.

MICHELE BRAVOS

Executive Director of the Aurora Institute for Human Rights Education. Master in Human Rights and Public Policies by the Pontifical Catholic University of Paraná (PUCPR).

↳ Link <https://latinoamerica21.com/en/hatred-of-women-in-the-root-of-violent-extremism/>

5. O PAPEL DAS ESCOLAS NA PREVENÇÃO AO EXTREMISMO VIOLENTO

Miriam Abramovay, Lucas José Ramos Lopes e André Bakker da Silveira

No âmbito global, as razões que levam os jovens a realizarem **ataques extremistas em escolas**¹ são complexas e multifatoriais e ainda carecem de estudos mais aprofundados. Porém, devem ser entendidas a partir do contexto maior e geral de violência das e nas escolas. É preciso entender a violência como um fenômeno dinâmico relacionado com o ambiente escolar, há muito tempo negligenciado e subestimado pela sociedade e governos.

Além do entendimento das múltiplas facetas da violência em torno da escola e sua comunidade, pensar de forma estratégica a prevenção do extremismo violento também exige compreender os chamados **push and pull factors**² – fatores que empurram e puxam. Esses fatores representam situações que influenciam a entrada de uma pessoa em espaços extremistas e a levam a se apropriar da ideologia ali presente, podendo ou não resultar em um ato de violência extremista.

Fatores que empurram (push factors) são todos aqueles que fazem uma pessoa ser vulnerável à ideologia extremista, como o isolamento social e a sensação de ser vítima da sociedade, do governo ou de movimentos sociais (típicos nos grupos masculinistas, como os **incels – celibatários involuntários**³ – que veem o feminismo como um inimigo a ser combatido). Fatores que puxam (pull factors) são aqueles oferecidos por grupos extremistas, ainda que não organizados, e que fazem com que um indivíduo se sinta conectado à ideologia ou causa, como o senso de pertencimento e de propósito, e a simplificação do mundo de forma maniqueísta.

Segundo o **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023**⁴, a discriminação, comportamento que deve soar como alerta na busca por prevenção ao extremismo violento, faz parte do dia a dia da escola,

1 BRAVOS, Michele. Brasil e a crescente violência nas escolas. **Latinoamérica 21**. Montevideo, 2 jun. 2023. Seção Ideias. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/br/brasil-e-a-crescente-violencia-nas-escolas/>.

2 SALTMAN, Erin. **How young people join violent extremist groups – and how to stop them**. Ted Talks, 18 set. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HY71088saG4>.

3 GRIFFIN, Jonathan. O mundo sombrio dos 'incels', celibatários involuntários que odeiam mulheres. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 22 ago. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/08/o-mundo-sombrio-dos-incels-celibatarios-involuntarios-que-odeiam-mulheres.shtml>.

4 LAGRECA, Amanda et al. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>.

sendo que 15,5% dos diretores entrevistados relatam já terem observado ocorrências de discriminação contra algum integrante da comunidade escolar. Tanto pela perspectiva do agressor quanto da vítima, a discriminação também deve ser vista como um fator que empurra jovens para o extremismo violento, uma vez que é notável o poder desta violência na conformação das identidades individuais como, por exemplo, homofobia, racismo, capacitismo, sexismo, gordofobia, xenofobia, entre outros.

Importa lembrarmos que a escola, enquanto instituição, também produz e reproduz violências simbólicas e microviolências com mecanismos próprios que podem excluir, restringir liberdades e formas de expressão. A violência institucional da escola se dá numa rede de significados, gestos e palavras e é determinada pela estrutura da instituição, por exemplo, ao negligenciar revelações espontâneas de violência e fechar os olhos para outras violações de direitos.

O **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023**⁵ chama também a atenção para violências que podem parecer pequenas, uma vez que já foram naturalizadas, mas revelam algo mais complexo. Um exemplo são os dados relacionados ao furto de materiais escolares, mochilas, cadernos, estojos, dinheiro, muitas vezes celulares e outros objetos. Com frequência, isso é visto como um ato banal de “pegar por pegar”, desconsidera-se que é um ato de incivilidade e que causa danos para o outro/a, além de poder resultar em uma perda de confiança na instituição escolar, quebrando um pacto social que deveria existir.

Afirmar a escola como um lugar de proteção e também de acolhimento requer apoiá-la na recomposição da capacidade de se comunicar com as novas culturas de crianças, adolescentes e jovens, assim como de suas famílias e em todos os aspectos da diversidade, levando em conta as desigualdades sociais que transformam e, muitas vezes, tensionam as relações sociais.

Nenhuma escola é uma ilha

De acordo com o recém lançado **Relatório de Recomendações para o Enfrentamento do Discurso de Ódio e o Extremismo no Brasil**⁶, do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, os elementos extraescolares como o culto a violência como forma de justiça e o armamentismo, estão associados à violência contra as escolas. Além disso, a violência que acontece ao redor da escola leva a uma sensação de insegurança e coloca estudantes e professores em constante estado de alerta e estresse, impactando negativamente na interação e aprendizagem. Episódios de tiroteio, bala perdida e operações policiais ostensivas no entorno de escolas são eventos que desencadeiam quadros de ansiedade e medo. Só em 2021, 1.295 escolas rela-

5 LAGRECA, Amanda et al. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>.

6 DUNKER, Christian et al. **Relatório de recomendações para o enfrentamento ao discurso de ódio e ao extremismo no Brasil**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, jul. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/mdhc-entrega-relatorio-com-propostas-para-enfrentar-o-discurso-de-odio-e-o-extremismo-no-brasil>.

taram episódios de tiroteios e balas perdidas, representando, 1,7% das escolas brasileiras. No mesmo ano, 0,9% das escolas brasileiras tiveram seus calendários letivos interrompidos em decorrência de episódios de violência.

Como fenômeno dinâmico, a violência contra crianças e adolescentes impacta as escolas com contornos diferentes, variáveis externas aos seus muros e outros fenômenos, como a violência urbana, o autoritarismo e o extremismo.

Conhecer os fatores que empurram e puxam as crianças e os jovens para o contato com as ideologias extremistas possibilita visualizar de que forma a instituição escolar, com suas múltiplas formas de violência já conhecidas, pode contribuir de forma prática.

A prevenção pode ser dividida em três frentes⁷: primária, secundária e terciária. A última, é voltada a indivíduos já identificados como agressores ou que estão imersos em cultura extremista, enquanto a primeira e a segunda, têm como foco a sociedade como um todo e grupos vulneráveis, respectivamente. A nível escolar, será necessário formar e informar a comunidade, trabalhadoras e trabalhadores das escolas e, especialmente, educadoras e educadores, para que compreendam o problema e atuem na prevenção primária e secundária.

A solução para esses problemas não passará simplesmente por respostas individuais ou de segurança pública com políticas repressivas. É urgente a implementação de programas de convivência escolar, que considerem o pluralismo democrático e desconstruam estereótipos e posições hegemônicas através de uma política pública de prevenção para que se possa transformar cotidianos de riscos em cotidianos protetores.

*Este texto faz parte do projeto (Re)conectar: aproximando pessoas para superar a violência às escolas, realizado pelo Instituto Aurora, com apoio institucional do L21.

MIRIAM ABRAMOVAY Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Lyon 2 (França). Coordenadora do Programa de Estudos e Políticas sobre Juventude, Educação e Gênero da FLACSO-Brasil.

LUCAS JOSÉ RAMOS LOPES Secretário-executivo da Coalizão Brasileira pelo Fim da Violência contra Crianças e Adolescentes. Mestre em Direitos Humanos pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

ANDRÉ BAKKER DA SILVEIRA Gestor de Pesquisa e Projetos do Instituto Aurora de Educação em Direitos Humanos. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e membro titular da Comissão Municipal de Direitos Humanos de Curitiba.

↳ Link <https://latinoamerica21.com/pt-br/o-papel-das-escolas-na-prevencao-ao-extremismo-violento/>

7 Centre for the prevention of radicalization leading to violence (CPRLV). Levels of prevention at the CPRLV. s/d. Disponível em: <https://info-radical.org/wp-content/uploads/2017/03/cprlv-intervention-at-every-level.pdf>.

EL PAPEL DE LAS ESCUELAS EN LA PREVENCIÓN DEL EXTREMISMO VIOLENTO

Miriam Abramovay, Lucas José Ramos Lopes y André Bakker da Silveira

A nivel global, las razones que llevan a los jóvenes a realizar **ataques extremistas en las escuelas**¹ son complejas y multifactoriales. Sin embargo, deben entenderse desde el contexto más amplio y general de la violencia en las escuelas. La violencia es un fenómeno dinámico relacionado con el ámbito escolar que durante mucho tiempo ha sido desatendido y subestimado por la sociedad y los gobiernos.

Además de comprender las múltiples facetas de la violencia en la escuela y su comunidad, pensar estratégicamente sobre la prevención del extremismo violento también requiere comprender los llamados **factores push y pull**²: factores que empujan y atraen. Estos factores representan situaciones que influyen en la entrada de una persona en espacios extremistas y la llevan a apropiarse de la ideología allí presente, lo que puede resultar o no en un acto de violencia extremista.

Los factores de empuje son el aislamiento social y el sentimiento de ser víctima de la sociedad, el gobierno o los movimientos sociales (típicos en grupos masculinistas, como los **incels - célibes involuntarios**³ - que ven el feminismo como un enemigo a combatir). Los factores de atracción son aquellos ofrecidos por grupos extremistas, pero desorganizados, que hacen que un individuo se sienta conectado con la ideología o causa, y tenga un sentido de pertenencia y propósito, a través de la simplificación del mundo.

Según el **Anuario Brasileño de Seguridad Pública 2023**⁴, la discriminación, que es un comportamiento que debe ser considerado como una alerta en la búsqueda de la prevención del extremismo violento, forma parte del cotidiano de la escuela. El 15,5% de los directores entrevistados afirman haber observado

THE ROLE OF SCHOOLS IN PREVENTING VIOLENT EXTREMISM

Miriam Abramovay, Lucas José Ramos Lopes and André Bakker da Silveira

On a global scale, the reasons that lead young people to carry out **extremist attacks in schools**¹ are complex and multifactorial. However, they must be understood within the broader and more general context of violence in schools. Violence is a dynamic phenomenon related to the school environment that has long been neglected and underestimated by society and governments.

In addition to understanding the many facets of violence in the school and its community, thinking strategically about preventing violent extremism also requires understanding the so-called **“push and pull” factors**². These factors represent situations that influence a person’s entry into extremist spaces and lead them to appropriate the ideology present there, which may or may not lead to an act of extremist violence.

Push factors are social isolation and the feeling of being a victim of society, the government, or social movements (typical in masculinist groups, such as **incels - involuntary celibates**³ - who see feminism as an enemy to be fought). The pull factors are those that come from extremist groups, but are disorganized. Those factors make an individual feel connected to the ideology or cause and have a sense of belonging and purpose through the simplification of the world.

According to the **Brazilian Public Safety Yearbook 2023**⁴, discrimination, which is a behavior that should be considered as an alert in the search for the prevention of violent extremism, is part of the school’s daily routine. Considering the principals interviewed, 15.5% affirm having observed discrimination against a member of the school community. From the perspective of the aggressor and the victim, discrimination should also be seen as a factor that pushes young

discriminación contra algún miembro de la comunidad escolar. Tanto desde la perspectiva del agresor como de la víctima, la discriminación también debe ser vista como un factor que empuja a los jóvenes hacia el extremismo violento, ya que es notable el poder de esta violencia en la formación de identidades individuales, como la homofobia, el racismo, el capacitismo, el sexismo, la gordofobia o la xenofobia, entre otras.

Es importante recordar que la escuela, como institución, también produce y reproduce violencia simbólica y microviolencia con mecanismos propios que pueden excluir, restringir libertades y formas de expresión. La violencia institucional en la escuela se da en un entramado de significados, gestos y palabras y está determinada por la estructura de la institución. Muchas veces esta incluso desatiende las manifestaciones espontáneas de violencia y hace la vista gorda ante violaciones de otros derechos.

El *Anuario Brasileño de Seguridad Pública 2023*⁵ también llama la atención sobre la naturalización de la violencia, pero revela algo más complejo. Un ejemplo son los datos relacionados con el robo de material escolar, mochilas, cuadernos, estuches, dinero, muchas veces celulares y otros objetos. A menudo, esto es visto como un acto banal y no se tiene en cuenta que puede conducir a una pérdida de confianza en la institución escolar.

Afirmar la escuela como lugar de protección, así como de acogida, requiere apoyarla en la recomposición de la capacidad de comunicación con las nuevas culturas de los niños, niñas, adolescentes y jóvenes, así como de sus familias, tomando en cuenta las desigualdades sociales que transforman y muchas veces tensan las relaciones sociales.

Ninguna escuela es una isla

De acuerdo con el *Informe de Recomendaciones para Combatir el Discurso del Odio y el Extremismo en Brasil*⁶, publicado por el Ministerio de Derechos Humanos

people toward violent extremism, since the power of this violence in the formation of individual identities, such as homophobia, racism, ableism, sexism, fatphobia or xenophobia, among others, is remarkable.

It is important to remember that the school, as an institution, also produces and reproduces symbolic violence and micro violence with its own mechanisms that can exclude, and restrict freedoms and forms of expression. Institutional violence in schools occurs in a network of meanings, gestures, and words, and is determined by the structure of the institution. Often, the institution even disregards spontaneous manifestations of violence and turns a blind eye to violations of other rights.

The *Brazilian Public Safety Yearbook 2023*⁵ also draws attention to the naturalization of violence but reveals something more complex. One example is the data related to the theft of school supplies, backpacks, notebooks, pencil cases, money, often cell phones, and other objects. Often, this is seen as a banal act and it is not taken into account that it can lead to a loss of confidence in the school institution.

Affirming the school as a place of protection, as well as a place of welcome, requires supporting it in the recomposition of the ability to communicate with the new cultures of children, adolescents, and young people, as well as their families, taking into account the social inequalities that transform and often strain social relations.

No school is an island

According to the *Report of recommendations to combat hate speech and extremism in Brazil*⁶, which was published by the Ministry of Human Rights and Citizenship, extracurricular aspects such as the cult of violence as a form of justice and armamentism are associated with violence against schools. In addition, violence around the school generates a feeling of insecurity and puts students and teachers in a constant state of alert and stress, which

y Ciudadanía, elementos extraescolares como el culto a la violencia como forma de justicia y el armamentismo, están asociados con la violencia contra las escuelas. Además, la violencia que sucede alrededor de la escuela genera un sentimiento de inseguridad y pone a los estudiantes y docentes en un constante estado de alerta y estrés, impactando negativamente la interacción y el aprendizaje. Los episodios de disparos, las balas perdidas y las operaciones policiales alrededor de las escuelas desencadenan ansiedad y miedo. Solo en 2021, 1,295 escuelas, el 1,7% del total nacional, informaron episodios de tiroteos y balas perdidas. En el mismo año, el 0,9% de las escuelas brasileñas vieron interrumpidos sus calendarios académicos por episodios de violencia.

La violencia contra la niñez y la adolescencia impacta en las escuelas con diferentes contornos, variables extramuros y otros fenómenos como la violencia urbana, el autoritarismo y el extremismo. Conocer los factores que empujan y ponen en contacto a niños y jóvenes con ideologías extremistas permite visualizar cómo la institución escolar, con sus ya conocidas múltiples formas de violencia, puede contribuir de manera práctica.

La prevención se puede dividir en tres frentes⁷: primario, secundario y terciario. El segundo está dirigido a individuos ya identificados como agresores o que están inmersos en una cultura extremista, mientras que el primero y el segundo están enfocados a la sociedad en su conjunto y grupos vulnerables, respectivamente. A nivel escolar, será necesario capacitar e informar a la comunidad, al personal escolar y, en especial, a los educadores, para que comprendan el problema y actúen en prevención primaria y secundaria.

La solución a estos problemas no pasará simplemente por respuestas individuales o de seguridad pública con políticas represivas. Es urgente implementar programas de convivencia escolar que consideren el pluralismo

negatively impacts interaction and learning. Instances of shootings, stray bullets, and police operations around schools arouse anxiety and fear. In 2021 alone, 1,295 schools, or 1.7% of the total nationwide, reported instances of shootings and stray bullets. In the same year, 0.9% of Brazilian schools had their academic calendars interrupted due to situations of violence.

Violence against children and adolescents influences schools with different aspects: external variables and other phenomena such as urban violence, authoritarianism, and extremism. Knowing the factors that push and bring children and young people into contact with extremist ideologies makes it possible to visualize how the school institution, with its already known multiple forms of violence, can contribute practically.

Prevention can be divided into three fronts⁷: primary, secondary, and tertiary. The first is aimed at individuals already identified as aggressors or who are immersed in an extremist culture, while the second and third are focused on society as a whole and on vulnerable groups, respectively. At the school level, it will be necessary to train and inform the community, staff, and especially teachers, so that they understand the problem and act in primary and secondary prevention.

The solution to these problems will not depend simply on individual or public security responses with repressive policies. It is urgent to employ school coexistence programs that consider democratic pluralism and deconstruct stereotypes and hegemonic positions through a public policy of prevention so that the daily risk becomes a daily protector.

*This text is part of the project “(Re)connecting: bringing people together to overcome violence against schools”, carried out by the Aurora Institute, with the institutional support of L21.

democrático y deconstruyan estereotipos y posiciones hegemónicas a través de una política pública de prevención para que el riesgo cotidiano se transforme en cotidiano protector.

*Este texto es parte del proyecto “(Re)conectar: aproximando personas para superar la violencia contra las escuelas”, realizado por el Instituto Aurora, con el apoyo institucional de L21.

MIRIAM ABRAMOVAY

Doctora en Ciencias de la Educación por la Universidad de Lyon 2 (Francia). Coordinadora del Programa de Estudios y Políticas sobre Juventud, Educación y Género de FLACSO-Brasil.

LUCAS JOSÉ RAMOS LOPES

Secretaria Ejecutiva de la Coalición Brasileña por el Fin de la Violencia contra Niños y Adolescentes. Maestría en Derechos Humanos por la Pontificia Universidad Católica de Paraná (PUCPR).

ANDRÉ BAKKER DA SILVEIRA

Gerente de Investigación y Proyectos del Instituto Aurora para la Educación en Derechos Humanos. Máster en Filosofía por la Universidad Federal de Paraná (UFPR) y miembro titular de la Comisión Municipal de Derechos Humanos de Curitiba.

↳ Link <https://latinoamerica21.com/es/el-papel-de-las-escuelas-en-la-prevencion-del-extremismo-violento/>

↳ Publicaciones externas

[El Universal](#)

[Tal Cual](#)

Translated by Janaína Ruviano da Silva

LUCAS JOSÉ RAMOS LOPES

Executive Secretary of the Brazilian Coalition to End Violence against Children and Adolescents. Master in Human Rights, Pontifical Catholic University of Paraná (PUCPR).

ANDRÉ BAKKER DA SILVEIRA

Research and Project Manager, Aurora Institute for Human Rights Education. Master in Philosophy, by the Federal University of Paraná (UFPR), and member of the Municipal Commission of Human Rights of Curitiba.

MIRIAM ABRAMOVAY

Doctor in Educational Sciences from the University of Lyon 2 (France). Coordinator of the Program of Studies and Policies on Youth, Education and Gender of FLACSO-Brasil.

↳ Link <https://latinoamerica21.com/en/the-role-of-schools-in-preventing-violent-extremism/>



6. COMO É A ESCOLA QUE QUEREMOS PARA NOSSAS JUVENTUDES NO BRASIL?

Clara Ramírez Barat, Paula Alves e Michele Bravos

Entre 2002 e 2023, ocorreram 24 ataques a escolas no Brasil, resultando em 45 mortes e 137 feridos, segundo o **Instituto Sou da Paz**¹. Em uma democracia fragilizada – ainda que em recuperação –, a disputa do ambiente escolar é marcada por ideologias que favorecem o extremismo violento (motivado – entre outros fatores – pelo discurso de ódio) e interesses econômicos. Quem sai perdendo são os estudantes. Sem direcionamento governamental alinhado a essa perspectiva, a prática da educação em direitos humanos pode ficar restrita a iniciativas isoladas, o que é uma perda para a sociedade.

O ano letivo de 2023 segue marcado pelas consequências da pandemia de COVID-19. Segundo o **Censo Escolar**², as escolas públicas brasileiras passaram, em média, 279 dias interditadas em 2020, cifra muito acima daquelas apresentadas por Argentina (199) e Colômbia (173). Em 2021, tentou-se implementar a modalidade híbrida, mas sem amplo êxito, principalmente nas escolas públicas, em que os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e Médio tiveram uma média de 102 dias de aulas remotas, em comparação aos 38 dias nas escolas privadas.

Como indicam **estudos locais e globais**³, o isolamento social ao qual jovens se viram submetidos em um momento determinante para seu desenvolvimento gerou impactos que vão muito além do déficit de aprendizagem, alcançando aspectos da saúde mental e da habilidade de conviver com pares. A escola é primordial para a alteridade e reflete dinâmicas sociais de conflito e diálogo, representando uma oportunidade singular de experiência de pertencimento. A negação desse convívio não foi sem consequências. O desafio – já existente antes da pandemia – de garantir que o espaço escolar seja favorável ao aprendizado com senso crítico e à convivência harmoniosa entre as diferenças, tornou-se ainda maior.

1 BOND, Letycia. Brasil teve 24 ataques a escolas; mais da metade nos últimos 4 anos. **Agência Brasil**. São Paulo, 25 mai. 2023. Disponível em: <https://soudapaz.org/noticias/agencia-brasil-brasil-teve-24-ataques-a-escolas-mais-da-metade-nos-ultimos-4-anos/>.

2 Pesquisa Resposta Educacional à Pandemia de COVID-19. **Ministério da Educação**. Brasília, 19 jul. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/pesquisas-suplementares/pesquisa-resposta-educacional-a-pandemia-de-covid-19>.

3 ARAÚJO, Lídia. Pandemia acentua déficit educacional e exige ações do poder público. **Agência Senado**. Brasília, 16 jul. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/pandemia-acentua-deficit-educacional-e-exige-acoes-do-poder-publico>.

Fenômeno novo, violência antiga

A violência que se fortaleceu com a reabertura das salas de aula⁴ se apresenta de diferentes formas e atinge muitos atores, como aponta a UNESCO⁵. Vai do bullying à agressão física e sexual, lesa toda comunidade escolar e provoca diversos danos, como impactos no rendimento e evasão. O cenário se torna ainda mais complexo quando a violência assume uma nova dinâmica: os ataques premeditados contra as escolas.

Segundo o Instituto Sou da Paz⁶, dos 24 ataques a escolas no Brasil, 12 ataques aconteceram entre 2002 e 2021, seis foram realizados em 2022 e outros seis apenas na primeira metade de 2023. O crescimento exponencial desses episódios não apenas produziu um alarme social, como também provocou uma sensação de urgência de entendimento deste fenômeno, especialmente pelos gestores públicos, com a intenção, fundamentalmente, de produzir uma resposta rápida e eficaz. Nesse sentido, nos encontramos diante de um tipo de violência que se qualifica como extremismo violento⁷, protagonizada, em geral, por um jovem, branco e heterossexual e radicalizado.

Mais importante que a distinção entre esses fenômenos, o da violência habitual que ocorre na escola, e a violência extremista contra as escolas, é a percepção de como ambos se relacionam. Segundo o Relatório Mundial sobre a Violência contra as Crianças de 2006⁸, a escola cria e reproduz as condições políticas e socioeconômicas de cada contexto, assim como com os valores e normas sociais vigentes, sendo que, “ao serem vítimas, autores e testemunhas da violência, meninos e meninas aprendem que a violência é um meio aceitável para que os fortes e agressivos consigam o que queiram dos mais frágeis, passivos ou pacíficos”.

É talvez por isso que cause certo desânimo perceber que é apenas quando os efeitos dessa violência estrutural chegam até a superfície de forma aguda que tomamos consciência da gravidade. Por mais compreensível que essa abordagem seja diante das demandas múltiplas e variadas que lidamos enquanto sociedade, é necessário reconhecer quão desafiador é construir políticas na necessidade urgente de se responder a uma crise.

4 ABRAMOVAY, Miriam; LOPES, Lucas José Ramos; SILVEIRA, André Bakker. Extremismo: O papel das escolas na prevenção ao extremismo violento. *Latinoamérica* 21. Montevideo, 04 ago. 2023. Seção Ideias. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/br/o-papel-das-escolas-na-prevencao-ao-extremismo-violento/>.

5 ABRAMOVAY, Miriam et al. *Violências nas escolas*. Brasília, Unesco Brasil e Rede Pitágoras, 2022. Disponível em: <http://tinyurl.com/mrp9vaz3>.

6 BOND, Letycia. Agência Brasil | Brasil teve 24 ataques a escolas; mais da metade nos últimos 4 anos. *Agência Brasil*. São Paulo, 25 mai. 2023. Disponível em: <https://soudapaz.org/noticias/agenzia-brasil-brasil-teve-24-ataques-a-escolas-mais-da-metade-nos-ultimos-4-anos/>.

7 BRAVOS, Michele. A crescente violência em escolas no Brasil. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 14 jun. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/latinoamerica21/2023/06/a-crescente-violencia-em-escolas-no-brasil.shtml>.

8 PINHEIRO, Paulo. *Informe mundial sobre la violencia contra los niños y niñas*. [s.l.: s.n.]. Disponível em: https://violenceagainstchildren.un.org/sites/violenceagainstchildren.un.org/files/document_files/world_report_on_violence_against_children_sp.pdf.

Ação tardia é reação

Uma recente avaliação do Instituto Auschwitz para a Prevenção do Genocídio e as Atrocidades Massivas⁹ em escolas em São Paulo, identificou que, antes de participarem de um projeto da organização, com foco em educação para cidadania, apenas 20% dos/as estudantes dos últimos anos do Fundamental e Ensino Médio sabiam definir o que eram os direitos humanos. Após as atividades, houve uma porcentagem de aprendizado sobre o tema de 47%, sendo que 42% sabiam explicar o que são direitos humanos usando exemplos e 5% eram capazes de articular o conceito de dignidade humana.

Além de medir mudanças no conhecimento, a avaliação expôs transformações em valores, atitudes e habilidades relacionadas ao respeito, à empatia, à convivência e à participação democrática – de formas muito positivas. Esses resultados legitimam a importância da escola como espaço de prevenção e fortalecem o que já indicam outras organizações: os esforços funcionam¹⁰ e são essenciais para garantir o exercício da cidadania de forma plural e inclusiva. O extremismo violento promete precisamente o contrário.

Tendo como referência o trabalho de prevenção a crimes atrozes – que pode ser aplicado analogamente ao contexto de violência às escolas –, a prevenção ocorrerá se formos capazes de reconhecer os sinais a tempo. Agir antes de reagir é a melhor opção. A ação centrada na resposta à crise já iniciada é pouco diversificada, menos eficiente e mais cara. A mentalidade da reação leva a soluções fragmentadas e a políticas ad hoc, que respondem a desafios pontuais e não atendem a um movimento social complexo que demanda soluções compreensivas e de longo prazo. Com isso, há a tendência de relaxamento na percepção da urgência do problema uma vez que o ápice da crise passa, o que leva, frequentemente, à descontinuidade do investimento no combate às reais causas do problema.

As intervenções educativas de longo prazo, com estratégias governamentais que mudam efetivamente a experiência escolar, podem ser um caminho. Os resultados são incrementais e lentos, não substituindo as ações de caráter emergencial tampouco conseguindo sozinhas impedir de maneira definitiva a ocorrência das violências. Certamente, porém, contribuirão no estabelecimento de sociedades mais justas nas quais esses fenômenos ocorram cada vez menos e onde os cidadãos/ãs estejam preparados/as para agir antes – e melhor.

*Este texto faz parte do projeto (Re)conectar: aproximando pessoas para superar a violência às escolas, realizado pelo Instituto Aurora, com apoio institucional do L21.

9 <https://es.auschwitzinstitute.org/>.

10 ALVES, Paula Araújo; BARAT, Clara Ramirez; FEARN, Andy; SOUZA, Isadora; THIOUNE, Safia Mizon; ZWART, Dilia. **A educação democrática requer imaginação: prevenindo a violência baseada na identidade através da educação**. Instituto Auschwitz, Londres: 2022. Disponível em: https://uploads-ssl.webflow.com/637ffc4c331dad74168d5c91/642b24a96d1d5e56c6596897_DENI_PT_2022.pdf.

CLARA RAMÍREZ BARAT Diretora do Programa de Políticas Educacionais Warren no Instituto de Auschwitz para a Prevenção do Genocídio e as Atrocidades Massivas (AIPG). Doutora em Humanidades pela Universidade Carlos III (Espanha).

PAULA ALVES Oficial do Programa de Políticas Educacionais Warren do Instituto Auschwitz para a Prevenção do Genocídio e as Atrocidades Massivas (AIPG). Mestre em Educação e Desenvolvimento Internacional pela Universidade de Birmingham.

MICHELE BRAVOS Diretora Executiva do Instituto Aurora de Educação em Direitos Humanos. Mestre em Direitos Humanos e Políticas Públicas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

↳ Link <https://latinoamerica21.com/pt-br/como-e-a-escola-que-queremos-para-nossas-juventudes-no-brasil/>

¿QUÉ ESCUELA QUEREMOS PARA NUESTROS JÓVENES EN BRASIL?

Clara Ramírez Barat, Paula Alves y Michele Bravos

Entre 2002 y 2023, hubo 24 ataques contra escuelas en Brasil, con un saldo de 45 muertos y 137 heridos, según el [Instituto Sou da Paz](#)¹. En una democracia frágil -aunque en recuperación-, la disputa en el ámbito escolar está marcada por ideologías que privilegian el extremismo violento (motivado -entre otros factores- por el discurso del odio) y los intereses económicos. Sin una dirección gubernamental alineada con esta perspectiva, la práctica de la educación en derechos humanos puede quedar restringida a iniciativas aisladas, lo que supone una pérdida para la sociedad.

El 2023 sigue marcado por las consecuencias de la pandemia del COVID-19. Según el [Censo Escolar](#)², las escuelas públicas brasileñas pasaron una media de 279 días cerradas en 2020, una cifra muy superior a la de Argentina (199) y Colombia (173). En 2021, se intentó implementar la modalidad híbrida, pero sin mucho éxito, especialmente en las escuelas públicas, donde los estudiantes de los últimos años de la educación primaria y secundaria tuvieron un promedio de 102 días de clases a distancia, en comparación con 38 días en las escuelas privadas.

Como han demostrado [estudios locales y globales](#)³, el aislamiento social al que se ha sometido a los jóvenes en un momento crucial para su desarrollo ha generado impactos que van mucho más allá de los déficits de aprendizaje, alcanzando aspectos de la salud mental y la capacidad de socializar con sus pares. La escuela es esencial para la alteridad y refleja dinámicas sociales de conflicto y diálogo, representando una oportunidad única para experimentar la pertenencia. La negación de esta convivencia tuvo consecuencias. El reto -que ya existía antes de la pandemia- de garantizar que el entorno escolar sea propicio para el aprendizaje con sentido crítico y la convivencia armoniosa entre

WHAT SCHOOL DO WE WANT FOR OUR YOUNG PEOPLE IN BRAZIL?

Clara Ramírez Barat, Paula Alves and Michele Bravos

Between 2002 and 2023, there were 24 attacks against schools in Brazil, resulting in 45 deaths and 137 injured people, according to the [Sou da Paz Institute](#)¹. In a fragile - though recovering - democracy, the dispute in the school environment is marked by ideologies that privilege violent extremism, motivated (among other factors) by hate speech, and economic interests. Without a governmental direction aligned with this perspective, human rights education may be restricted to isolated initiatives, which is a loss for society.

The year 2023 continues to be marked by the consequences of the COVID-19 pandemic. According to the [School Census](#)², Brazilian public schools spent an average of 279 days closed in 2020, a much higher figure than in Argentina (199) and Colombia (173). In 2021, an attempt was made to implement the hybrid modality, but without much success, especially in public schools, where students in the last years of primary and secondary education had an average of 102 days of distance classes, compared to 38 days in private schools.

As [local and global studies](#)³ have shown, the social isolation to which young people have been subjected at a crucial time for their development has generated impacts that go far beyond learning deficits, reaching aspects of mental health and the ability to socialize with their peers. School is essential for alterity and reflects social dynamics of conflict and dialogue, representing a unique opportunity to experience belonging. The denial of this coexistence had consequences. The challenge - which already existed before the pandemic - of ensuring that the school environment is conducive to critical learning and harmonious coexistence across differences has become even more significant.

las diferencias, se ha hecho aún mayor.

Nuevo fenómeno, vieja violencia

La violencia que se ha recrudecido con la reapertura de las aulas⁴ adopta formas diversas y afecta a muchos actores, como señala la UNESCO⁵. Va desde el acoso escolar a las agresiones físicas y sexuales, perjudica a toda la comunidad escolar y causa diversos daños, como impactos en el rendimiento y absentismo escolar. El escenario se vuelve aún más complejo cuando la violencia adquiere una nueva dinámica: los ataques premeditados contra las escuelas.

Según el Instituto Sou da Paz⁶, de los 24 ataques contra escuelas en Brasil, 12 ataques tuvieron lugar entre 2002 y 2021, seis en 2022 y otros seis sólo en el primer semestre de 2023. El crecimiento exponencial de estos episodios no sólo ha causado alarma social, sino también un sentido de urgencia para comprender este fenómeno, especialmente por parte de los gestores públicos, para producir una respuesta rápida y eficaz. Nos encontramos ante un tipo de violencia calificada como **extremismo violento**⁷, protagonizada habitualmente por hombres jóvenes, blancos, heterosexuales y radicalizados.

Más importante que distinguir entre estos fenómenos, la violencia habitual y extrema que se produce en las escuelas y la violencia extremista contra las escuelas, es la percepción de cómo ambos están relacionados. Según el Informe Mundial sobre la Violencia contra los Niños de 2006⁸, las escuelas crean y reproducen las condiciones políticas y socioeconómicas de cada contexto, así como los valores y las normas sociales imperantes, y «al ser víctimas, autores y testigos de la violencia, los niños aprenden que la violencia es un medio aceptable para que los fuertes y agresivos obtengan lo que quieren de los más frágiles, pasivos o pacíficos».

Quizá por ello resulte tan desalentador constatar que sólo cuando los efectos de esta violencia estructural afloran de forma aguda tomamos conciencia de su gravedad. Por muy comprensible que

A new phenomenon, old violence

As UNESCO⁵ points out, the violence that has flared up with the reopening of classrooms⁴ takes many forms and involves many actors. It ranges from bullying to physical and sexual assaults, it harms the entire school community and causes various damages, such as impacts on school performance and absenteeism. The scenario becomes even more complex when violence acquires a new dynamic: premeditated attacks against schools.

According to the Sou da Paz Institute⁶, of the 24 attacks against schools in Brazil, 12 attacks took place between 2002 and 2021, six in 2022, and another six in the first half of 2023 alone. The exponential growth of these episodes has not only caused social alarm, but also a sense of urgency to understand this phenomenon, especially on the part of public managers, to produce a rapid and effective response. We are faced with violence classified as **violent extremism**⁷, usually carried out by young, white, heterosexual, and radicalized men.

More important than distinguishing between these phenomena, the usual and extreme violence occurring in schools and extremist violence against schools, is the perception of how the two are related. According to the 2006 World Report on Violence against Children⁸, schools create and reproduce the political and socioeconomic conditions of each context, as well as prevailing values and social norms, and “by being victims, perpetrators and witnesses of violence, children learn that violence is an acceptable means for the strong and aggressive to get what they want from the more fragile, passive or peaceful.”

Perhaps this is why it is so disheartening to note that it is only when the effects of this structural violence become acutely apparent that we become aware of its seriousness. As understandable as this approach is, it is necessary to recognize how challenging it is to build policies on the urgent need to respond to a crisis.

resulte este planteamiento, es necesario reconocer lo desafiador que resulta construir políticas en la necesidad urgente de responder a una crisis.

La acción tardía es reacción

Una reciente evaluación realizada por el Instituto Auschwitz para la Prevención del Genocidio y Atrocidades Masivas⁹ en escuelas de São Paulo reveló que, antes de participar en un proyecto de la organización centrado en la educación para la ciudadanía, apenas el 20% de los alumnos de los últimos cursos de primaria y secundaria sabían definir qué eran los derechos humanos. Después de las actividades, el 47% aprendió sobre el tema, el 42% pudo explicar qué son los derechos humanos utilizando ejemplos y el 5% fue capaz de articular el concepto de dignidad humana.

Además de medir los cambios en los conocimientos, la evaluación puso de manifiesto transformaciones en valores, actitudes y habilidades relacionadas con el respeto, la empatía, la convivencia y la participación democrática, de forma muy positiva. Estos resultados legitiman la importancia de la escuela como espacio de prevención y refuerzan lo que otras organizaciones ya han señalado: los esfuerzos funcionan¹⁰ y son imprescindibles para garantizar el ejercicio de la ciudadanía de forma plural e inclusiva. El extremismo violento promete precisamente lo contrario.

En referencia a la labor de prevención de crímenes atroces -que puede aplicarse de forma análoga al contexto de la violencia en las escuelas-, la prevención se producirá si somos capaces de reconocer las señales a tiempo. Actuar antes de reaccionar es la mejor opción. La acción centrada en responder a una crisis ya iniciada es menos diversa, menos eficaz y más cara. La mentalidad de reacción conduce a soluciones fragmentadas y políticas ad hoc, que responden a retos puntuales y no abordan un movimiento social complejo que exige soluciones integrales a largo plazo. Como consecuencia, se tiende a relajar la percepción de la urgencia del

Late action is reaction

A recent assessment conducted by the [Auschwitz Institute for the Prevention of Genocide and Mass Atrocities](#)⁹ in São Paulo schools revealed that, before participating in a project of the organization focused on citizenship education, only 20% of students in the last grades of primary and secondary school did know what human rights were. After the activities, 47% learned about the topic, 42% were able to explain what human rights are using examples, and 5% were able to articulate the concept of human dignity.

In addition to measuring changes in knowledge, the evaluation revealed transformations in values, attitudes and skills related to respect, empathy, coexistence and, democratic participation, in a very positive way. These results legitimize the importance of the school as a space for prevention and reinforce what other organizations have already pointed out: [efforts work](#)¹⁰ and are essential to guarantee the exercise of citizenship in a plural and inclusive manner. Violent extremism promises precisely the opposite.

In reference to the work of preventing heinous crimes - which can be applied analogous to the context of violence in schools - prevention will occur if we are able to recognize the signs early. Acting before reacting is the best option. Action focused on responding to a crisis that has already begun is less diverse, less effective, and more expensive. A reactive mentality leads to fragmented solutions and ad hoc policies, which respond to one-off challenges and do not address a complex social movement that demands comprehensive, long-term solutions. As a result, there is a tendency to relax the perception of the urgency of the problem once the peak of the crisis is over, often leading to a discontinuous investment in addressing the real causes of the problem.

Long-term educational interventions, with government strategies that effectively change the school experience, maybe a way forward. The results are incremental and slow, and are no substitute for emergency action, nor can they alone

problema una vez superado el punto álgido de la crisis, lo que a menudo conduce a una inversión discontinua para abordar las causas reales del problema.

Las intervenciones educativas a largo plazo, con estrategias gubernamentales que cambien efectivamente la experiencia escolar, pueden ser un camino a seguir. Los resultados son graduales y lentos, y no sustituyen a las acciones de emergencia, ni pueden por sí solas evitar definitivamente que se produzca la violencia. Sin embargo, contribuirán sin duda a establecer sociedades más justas en las que estos fenómenos se produzcan cada vez menos y en las que los ciudadanos estén preparados para actuar antes, y mejor.

*Este texto forma parte del proyecto “(Re)conectar: aproximando personas para superar la violencia contra las escuelas”, llevado a cabo por el Instituto Aurora, con el apoyo institucional de L21.

CLARA RAMÍREZ BARAT

Directora del Programa Warren de Políticas Educativas del Instituto Auschwitz para la Prevención del Genocidio y las Atrocidades Masivas (AIPG). Doctora en Humanidades por la Universidad Carlos III (España).

PAULA ALVES

Responsable del Programa Warren de Política Educativa en el AIPG. Máster en Educación y Desarrollo Internacional por la Universidad de Birmingham.

MICHELE BRAVOS

Directora Ejecutiva del Instituto Aurora para la Educación en Derechos Humanos. Máster en Derechos Humanos y Políticas Públicas por la Pontificia Universidad Católica de Paraná (PUCPR).

↳ Link <https://latinoamerica21.com/es/que-escuela-queremos-para-nuestros-jovenes-en-brasil/>

↳ Publicaciones externas

La Revista

Tal Cual

definitively prevent violence from occurring. However, they will undoubtedly contribute to establishing more just societies in which these phenomena occur less and less and in which citizens are prepared to act sooner and better.

*This text is part of the project “(Re)connecting: bringing people together to overcome violence against schools”, carried out by the Aurora Institute, with the institutional support of L21.

Translated by Janaína Ruviano da Silva

CLARA RAMÍREZ BARAT

Director of the Warren Educational Policy Program at the Auschwitz Institute for the Prevention of Genocide and Mass Atrocities (AIPG). She holds a doctorate in Humanities from the Carlos III University (Spain).

PAULA ALVES

Responsible for the Warren Education Policy Program at the AIPG. M.A. in Education and International Development from the University of Birmingham.

MICHELE BRAVOS

Executive Director of the Aurora Institute for Human Rights Education. Master in Human Rights and Public Policy from the Pontifical Catholic University of Paraná (PUCPR).

↳ Link <https://latinoamerica21.com/en/what-school-do-we-want-for-our-young-people-in-brazil/>

“

É importante construir uma convivência pacífica dentro do ambiente escolar. Mas, se houver conflitos, que eles sejam resolvidos na base do diálogo, de maneira saudável e respeitosa. O que não podemos permitir é que outros massacres se repitam no Brasil. Realengo, nunca mais!”

Claudia Costin, educadora*

“Es importante construir una convivencia pacífica dentro del entorno escolar. Sin embargo, si surgen conflictos, deben resolverse a través del diálogo, de manera saludable y respetuosa. Lo que no podemos permitir es que se repitan otras masacres en Brasil. ¡Realengo, nunca más!”
Claudia Costin, educadora

“It is important to build a peaceful coexistence within the school environment. However, if conflicts arise, they should be resolved through dialogue in a healthy and respectful manner. What we cannot allow is for other massacres to be repeated in Brazil. Realengo, never again!”
Claudia Costin, educator

* BERNARDO, André. Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque à escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil. BBC News Brasil, 6 abr. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>

7. A CULTURA DOS DIREITOS HUMANOS VENCERÁ O ÓDIO?

Danielle Tsuchida e André Bakker da Silveira

Passados 75 anos do nascimento da Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948, é espantoso notar que o clima de ódio, opressão e violência que instigaram o desenvolvimento desse importante documento estão bastante vivos e influenciando todo o nosso campo político, inclusive a elaboração de nossas políticas públicas. Em especial, jovens são hoje alvo fácil de discursos extremistas que buscam desestabilizar as instituições, notadamente, aquelas voltadas à construção e disseminação de uma cultura cidadã, democrática e de respeito aos direitos humanos: as escolas.

Como mostram dados do levantamento **Raio-x de 20 anos de ataques a escolas no Brasil**¹, realizado pelo Instituto Sou da Paz, **ataques**², infelizmente, tornaram-se frequentes no Brasil e, por isso, ganharam grande atenção. Por trás desses eventos, há uma gama de situações, como a **cooptação pelo extremismo, questões de saúde emocional**³ e a disseminação crescente de discursos de ódio por agentes políticos influentes.

Diante desses fatores que, em última análise, envolvem a efetivação de políticas públicas (de educação, segurança, saúde etc.), torna-se incontornável apontar que o Estado brasileiro vem falhando nos últimos 20 anos na concretização de uma política fundamental: a de construção de uma cultura de respeito aos direitos humanos. Política que deve ter, no centro, os jovens.

Segundo pesquisa da **Open Society Foundations**⁴, em 2023, 26% dos jovens brasileiros entre 18 e 35 anos não acreditam que a democracia é a melhor forma de governo. Na média dos 30 países em que o levantamento foi realizado, esse número chega a 43%.

Essa cultura de ódio, que atua nos espaços públicos e privados e é intencionalmente pautada em valores contrários à pluralidade e aos direitos humanos, toma as pessoas pelas vias dos afetos, mas, vende-se como sendo estritamente técnica e racional.

São os memes e piadas machistas, racistas e fascistas; as ideias

-
- 1 LANGEANI, Bruno. **Raio-x de 20 anos de ataques a escolas no Brasil 2002-2023**. Instituto Sou da Paz, Mai. 2023. Disponível em: <https://soudapaz.org/o-que-fazemos/conhecer/pesquisas/control-de-armas/as-armas-do-crime/?show=documentos#9574-3>.
 - 2 BRAVOS, Michele. Brasil e a crescente violência nas escolas. **Latinoamérica 21**. Montevideo, 2 jun. 2023. Seção Ideias. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/br/brasil-e-a-crescente-violencia-nas-escolas/>.
 - 3 PETRY, Luis; RICCI, Rudá; SILVEIRA, André Bakker. As sociedades em crise favorecem o extremismo e o suicídio entre jovens. **Latinoamérica 21**. Montevideo, 25 set. 2023. Seção Ideias. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/br/as-sociedades-em-criese-favorecem-o-extremismo-e-o-suicidio-entre-jovens/>.
 - 4 BOTACINI, Guilherme. Jovens acreditam menos na democracia, indica pesquisa global. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 11 set. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/09/jovens-acreditam-menos-na-democracia-indica-pesquisa-global.shtml>.

que põem a economia como tendo prioridade sobre a vida; e os rompan-tes autoritários que defendem a invasão de espaços como escolas e universidades para controlar o que é dito e ensinado. Todos esses acontecimentos alçaram o papel de política pública nos últimos anos e é também por isso que têm se tornado parte do atual caldo cultural.

Essa estratégia de pânico moral só é frutífera porque encontra solo fértil em problemas reais da nossa sociedade. No caso das escolas, é importante sublinhar que **convivem com episódios de violência cotidianamente, muitas vezes passando despercebidos ou naturalizados indevidamente**⁵. Discriminação, bullying, conflitos interpessoais, agressões físicas, são apenas alguns exemplos do que estudantes e profissionais da educação vivenciam. Enfrentar as violências que afetam as escolas demandam ações em diferentes níveis e envolvem atores diversos.

Dentre as políticas públicas que devem ser fortalecidas no enfrentamento do extremismo violento contra as escolas, destacamos a de Educação em Direitos Humanos. Como mostra uma **pesquisa do Instituto Aurora**⁶, essa área foi enfraquecida durante o governo de Jair Bolsonaro, tendo estruturas vitais descontinuadas – como é o caso do extinto Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos.

Não à toa, a Educação em Direitos Humanos é mencionada nos relatórios dos dois grupos de trabalho criados pelo Governo Federal para estudar e propor ações sobre o **fenômeno da violência contra as escolas**⁷ e o **discurso de ódio**⁸, do Ministério da Educação e do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, respectivamente.

De acordo com os documentos, é preciso fortalecer e ampliar a presença da Educação em Direitos Humanos nos espaços educativos e de formação; capacitar agentes públicos; revisar documentos; e ampliar os espaços de escuta e diálogo participativo sobre o tema.

Uma política pública de Educação em Direitos Humanos revista e atualizada deverá ser capaz de fortalecer iniciativas que promovam uma cultura de respeito aos direitos humanos.

Além da educação há um grande destaque para a segurança pública, que é dever do estado e um direito que deve ser oferecido a todos e todas e, a partir disso, precisa ser compreendida como uma política pública que necessita articular os diferentes níveis de governo e desempenhar ações multidisciplinares, possibilitando a prevenção de crimes e violências e não apenas à sua repressão.

No Brasil, a atuação repressiva é comumente utilizada. Não à

5 ABRAMOVAY, Miriam; LOPES, Lucas José Ramos; SILVEIRA, André Bakker. O papel das escolas na prevenção ao extremismo violento. **Latinoamérica 21**. Montevideo, 4 ago. 2023. Seção Ideias. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/br/o-papel-das-escolas-na-prevencao-ao-extremismo-violento/>.

6 LACERDA, Lucas. Governo Bolsonaro paralisou educação em direitos humanos, aponta ONG. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 9 dez. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/12/governo-bolsonaro-paralisou-educacao-em-direitos-humanos-aponta-ong.shtml>.

7 CARA, Daniel et al. **Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental**. Brasília: Ministério da Educação, 12 out. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>.

8 DUNKER, Christian et al. **Relatório de recomendações para o enfrentamento ao discurso de ódio e ao extremismo no Brasil**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, jul. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/mdhc-entrega-relatorio-com-propostas-para-enfrentar-o-discurso-de-odio-e-o-extremismo-no-brasil>.

toa lidamos com o elevado número de jovens mortos, em sua maioria negros, por agentes do Estado. Essa ação institucionalizada é chamada de necropolítica. É evidente que a dimensão de controle e repressão à criminalidade é importante, porém exige planejamento, inteligência e investimento. Investir nas políticas de prevenção à violência deve ser uma prioridade, ou seja, os recursos seriam focados nas causas do problema e na promoção de soluções mais efetivas e não apenas em combatê-las após suas ocorrências⁹.

Considerando que os ataques a escolas cometidos com armas de fogo geraram três vezes mais vítimas fatais do que com armas brancas e que em 60% dos casos cometidos com arma de fogo, esta foi adquirida pelo agressor em sua própria residência (resultado das políticas de facilitação do acesso a armas do governo Bolsonaro), uma primeira ação é a efetivação das medidas de controle e fiscalização na compra e posse de armas de fogo. Restringir acesso de armas a agressores é fundamental, além disso, reforça-se a exigência de local de guarda (cofre) da arma, diminuindo as chances de acesso ao armamento por criança ou adolescente.

Outra medida importante é o treinamento de policiais civis estaduais no reconhecimento de ideologias extremistas e grupos que promovem crimes de ódio, assim como metodologias de pesquisa em ambiente digital (onde tradicionalmente estes crimes são planejados, fomentados e celebrados). O foco no mapeamento e desmantelamento dos grupos que cooptam adolescentes e jovens é urgente. Através do monitoramento de redes sociais, inúmeras pessoas foram presas no decorrer deste ano, outras seguem sendo investigadas e possíveis ações motivadas por extremismo, racismo e misoginia foram desbaratadas, mostrando a efetividade desta ação investigativa e de inteligência.

Em paralelo, é possível acompanhar as ocorrências escolares e os boletins de ocorrência de polícia civil que mostrem sinais de escalonamento de violência, para atuar de forma a inserir, nestas unidades, ações mais urgentes, guiadas pela Educação em Direitos Humanos. Para que possamos ter uma sociedade sem ataques extremos contra as escolas, precisamos pensar na prevenção de violência em todas as instâncias, começando pelas práticas cotidianas escolares e envolvendo todas as políticas públicas, tais como saúde, cultura e assistência social.

Tamanha desigualdade social e falta de investimento público no acesso a serviços públicos de qualidade contribuem com a descrença nas instituições e com o esfacelamento da vida em sociedade. Políticas públicas que garantam o acesso aos direitos básicos são estratégicas na contenção de políticas públicas baseadas na cultura de ódio e, só assim, poderemos promover uma cultura de respeito aos direitos humanos.

9 ALVES, Paula; BARAT, Clara Ramirez; BRAVOS, Michele. Como é a escola que queremos para nossas juventudes no Brasil? *Latinoamérica 21*. Montevideo, 11 set. 2023. Seção Ideias. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/br/como-e-a-escola-que-queremos-para-nossas-juventudes-no-brasil/>.

*Este texto faz parte do projeto (Re)conectar: aproximando pessoas para superar a violência às escolas, realizado pelo Instituto Aurora, com apoio institucional do L21.

DANIELLE TSUCHIDA Coordenadora de Projetos do Instituto Sou da Paz. Psicóloga formada pela PUC/SP, com experiência em medidas socioeducativas e prevenção de violência

ANDRÉ BAKKER DA SILVEIRA Gestor de Pesquisa e Projetos do Instituto Aurora de Educação em Direitos Humanos. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e membro titular da Comissão Municipal de Direitos Humanos de Curitiba.

↳ Link <https://latinoamerica21.com/pt-br/a-cultura-dos-direitos-humanos-vencera-o-odio/>

¿LA CULTURA DE LOS DERECHOS HUMANOS GANARÁ AL ODIOS?

Danielle Tsuchida y André Bakker da Silveira

A 75 años del nacimiento de la Declaración Universal de los Derechos Humanos, en 1948, es asombroso constatar que el clima de odio, opresión y violencia que instigó la elaboración de este importante documento está muy vivo e influye en todo nuestro campo político, incluida la elaboración de nuestras políticas públicas. En particular, los jóvenes de hoy son un blanco fácil para los discursos extremistas que buscan desestabilizar las instituciones, especialmente aquellas destinadas a construir y difundir una cultura de ciudadanía, democracia y respeto a los derechos humanos: las escuelas.

Como muestran los datos de la encuesta Radiografía de 20 años de atentados contra escuelas en Brasil¹, realizada por el Instituto Sou da Paz, los atentados², por desgracia, se han vuelto frecuentes en Brasil y, por ello, han acaparado una gran atención. Detrás de estos sucesos hay una serie de situaciones, como la cooptación por parte del extremismo, problemas de salud emocional³ y la creciente difusión de discursos de odio por parte de agentes políticos influyentes.

Frente a estos factores, que en última instancia implican la implementación de políticas públicas (educación, seguridad, salud, etc.), es inevitable señalar que el Estado brasileño viene fallando en los últimos 20 años en la implementación de una política fundamental: la construcción de una cultura de respeto a los derechos humanos. Una política que debe tener a los jóvenes en el centro.

Según una encuesta de la Open Society Foundations⁴, en 2023, el 26% de los jóvenes brasileños de entre 18 y 35 años no creen que la democracia sea la mejor forma de gobierno. En la media de los 30 países en los que se realizó la encuesta, esta cifra asciende al 43%.

Esta cultura del odio, que opera en espacios públicos y privados y se basa

WILL THE CULTURE OF HUMAN RIGHTS OVERCOME HATRED?

Danielle Tsuchida and André

Bakker da Silveira

Seventy-five years on from the birth of the 1948 Universal Declaration of Human Rights, it is astonishing to note that the climate of hatred, oppression, and violence that instigated the development of this important document is still alive and influencing the political field, including the development of our public policies. In particular, young people today are an easy target for extremist discourses that seek to destabilize institutions, especially those aimed at building and disseminating a culture of citizenship, democracy, and respect for human rights: schools.

As data from the survey *Raio-x de 20 anos de ataques a escolas no Brasil*¹ (X-ray of 20 years of attacks on schools in Brazil), carried out by the Sou da Paz Institute, shows, attacks have unfortunately become frequent in Brazil and have therefore gained a great deal of attention. Behind these events are a range of situations, such as cooptation by extremism, emotional health issues², and the growing dissemination of hate speech by influential political actors.

Given these factors, which ultimately involve implementing public policies (education, security, health, etc.), it is unavoidable to mention that the Brazilian state has been failing over the last 20 years to implement a fundamental policy: building a culture of respect for human rights. A policy that must have young people at its center.

According to a survey by the Open Society Foundations³, in 2023, 26% of young Brazilians aged between 18 and 35 will not believe that democracy is the best form of government. In the average of the 30 countries in which the survey was carried out, this figure rises to 43%.

This culture of hate, which operates in public and private spaces and is intentionally based on values contrary to plurality and human rights, takes people

intencionalmente en valores contrarios a la pluralidad y a los derechos humanos, toma a las personas por los caminos de los afectos, pero se vende como estrictamente técnica y racional.

Son los memes y chistes sexistas, racistas y fascistas; las ideas que priorizan la economía sobre la vida; y los arrebatos autoritarios que abogan por invadir espacios como escuelas y universidades para controlar lo que se dice y se enseña. Todos estos hechos se han convertido en política pública en los últimos años, razón por la cual también han pasado a formar parte del actual crisol cultural.

Esta estrategia de pánico moral sólo es fructífera porque encuentra terreno fértil en problemas reales de nuestra sociedad. En el caso de las escuelas, es importante destacar que **conviven diariamente con episodios de violencia, que a menudo pasan desapercibidos o se naturalizan indebidamente**⁵. La discriminación, el acoso escolar, los conflictos interpersonales y las agresiones físicas son sólo algunos ejemplos de lo que viven los alumnos y los profesionales de la educación. Enfrentar la violencia que afecta a las escuelas requiere de acciones a distintos niveles e involucra a diferentes actores.

Entre las políticas públicas que deben ser reforzadas para hacer frente al extremismo violento contra las escuelas, destacamos la Educación en Derechos Humanos. Como muestra una **investigación del Instituto Aurora**⁶, esta área fue debilitada durante el gobierno de Jair Bolsonaro, con estructuras vitales descontinuadas – como es el caso del extinto Comité Nacional de Educación en Derechos Humanos.

No sorprende que la Educación en Derechos Humanos sea mencionada en los informes de los dos grupos de trabajo creados por el Gobierno Federal para estudiar y proponer acciones sobre el **fenómeno de la violencia contra las escuelas**⁷ y el **discurso de odio**⁸, del Ministerio de Educación y del Ministerio de Derechos Humanos y Ciudadanía, respectivamente.

by the way of the affections but sells itself as being strictly technical and rational.

These are the memes and jokes that are sexist, racist, and fascist; the ideas that put the economy as having priority over life; and the authoritarian outbursts that advocate invading spaces such as schools and universities to control what is said and taught. Recently, these events have become public policy, which is also why they have become part of the current cultural melting pot.

This strategy of moral panic is only fruitful because it finds fertile ground in real problems in our society. In the case of schools, it is important to stress that they live with **episodes of violence daily, often going unnoticed or unduly naturalized**⁵. Discrimination, bullying, interpersonal conflicts, and physical aggression are just a few examples of what students and education professionals experience. Tackling the violence that affects schools requires action at different levels and involves different players.

Among the public policies that need to be strengthened in the fight against violent extremism in schools, we highlight Human Rights Education. **Research by the Aurora Institute**⁶ shows that this area was weakened during Jair Bolsonaro's government, with vital structures being discontinued, – as is the case of the National Committee for Human Rights Education.

Not surprisingly, Human Rights Education is mentioned in the reports of the two working groups created by the Federal Government to study and propose actions on **the issue of violence against school**⁷ and **hate speech**⁸, together with the Ministry of Education and the Ministry of Human Rights and Citizenship, respectively.

According to the documents, it is necessary to strengthen and expand the presence of Human Rights Education in educational and training spaces; to train public agents; to revise documents; and to expand spaces for listening and participatory dialog on the subject.

A revised and updated public policy

Según los documentos, es necesario fortalecer y ampliar la presencia de la Educación en Derechos Humanos en los espacios de educación y formación; capacitar a los agentes públicos; revisar los documentos; y ampliar los espacios de escucha y diálogo participativo sobre el tema.

Una política pública de Educación en Derechos Humanos revisada y actualizada debe ser capaz de fortalecer iniciativas que promuevan una cultura de respeto a los derechos humanos.

Además de la educación, hay un gran énfasis en la seguridad pública, que es un deber del Estado y un derecho que debe ser ofrecido a todos y, a partir de ahí, necesita ser entendida como una política pública que necesita articular los diferentes niveles de gobierno y realizar acciones multidisciplinarias, posibilitando la prevención de los crímenes y de la violencia y no sólo su represión.

En Brasil, la acción represiva es comúnmente utilizada. No es de extrañar el elevado número de jóvenes asesinados, la mayoría negros, por agentes del Estado. Esta acción institucionalizada se llama necropolítica. Está claro que la dimensión del control del crimen y la represión es importante, pero requiere planificación, inteligencia e inversión. Invertir en políticas de prevención de la violencia debe ser una prioridad, es decir, los recursos deben centrarse en las causas del problema y en promover **soluciones más eficaces, no sólo en combatirlos**⁹.

Teniendo en cuenta que los ataques a escuelas cometidos con armas de fuego han provocado tres veces más víctimas mortales que con armas blancas y que en el 60% de los casos cometidos con armas de fuego, el agresor adquirió el arma en su propia casa (resultado de las políticas del gobierno de Bolsonaro para facilitar el acceso a las armas), un primer paso es implementar medidas de control e inspección para la compra y posesión de armas de fuego. Restringir el acceso a las armas para los agresores es fundamental, así como reforzar

on Human Rights Education should be able to strengthen initiatives that promote a culture of respect for human rights.

In addition to education, there is a great deal of emphasis on public security, which is a duty of the state and a right that should be offered to all and, based on this, needs to be understood as a public policy that needs to articulate the different levels of government and carry out multidisciplinary actions, making it possible to prevent crimes and violence; not just repress them.

In Brazil, repressive action is commonly used. It is no coincidence that we are dealing with a high number of young people killed, most of them people of color, by agents of the state. This institutionalized action is called necropolitics. It is clear that the dimension of crime control and repression is important, but it requires planning, intelligence, and investment. Investing in violence prevention policies should be a priority, i.e. resources should be focused on the causes of the problem and on promoting **more effective solutions, not just on combating them after they have occurred**⁹.

Considering that attacks on schools committed with firearms have resulted in three times more fatalities than those committed with bladed weapons and that in 60% of cases committed with firearms, the aggressor acquired the weapon in his home (a result of the Bolsonaro government's policies to facilitate access to firearms), a first step is to implement control and inspection measures for the purchase and possession of firearms. Restricting access to firearms for aggressors is fundamental, as well as reinforcing the requirement for a safe for the weapon, reducing the chances of children or teenagers gaining access to the weapon.

Another important measure is the training of state civil police officers in recognizing extremist ideologies and groups that promote hate crimes, as well as research methodologies in the digital environment (where these crimes

la exigencia de una caja fuerte para el arma, reduciendo las posibilidades de acceso al arma por parte de niños o adolescentes.

Otra medida importante es la formación de la policía civil estatal en el reconocimiento de ideologías extremistas y grupos que promueven delitos de odio, así como metodologías de investigación en el entorno digital (donde tradicionalmente se planifican, fomentan y celebran estos delitos). Es urgente centrarse en el mapeo y desmantelamiento de grupos que cooptan a adolescentes y jóvenes. A través de la monitorización de las redes sociales, numerosas personas han sido detenidas este año, otras siguen siendo investigadas y se han desmantelado posibles acciones motivadas por el extremismo, el racismo y la misoginia, lo que demuestra la eficacia de esta acción de investigación e inteligencia.

Al mismo tiempo, es posible hacer un seguimiento de los incidentes escolares y los informes de la policía civil que muestran signos de escalada de violencia, con el fin de tomar medidas más urgentes en estas unidades, guiados por la Educación en Derechos Humanos. Para tener una sociedad sin agresiones extremas en las escuelas, es necesario pensar en la prevención de la violencia en todos los niveles, comenzando por las prácticas escolares cotidianas e involucrando todas las políticas públicas, como salud, cultura y asistencia social.

Esa desigualdad social y la falta de inversión pública en el acceso a servicios públicos de calidad contribuyen al descreimiento en las instituciones y a la descomposición de la vida en sociedad. Las políticas públicas que garantizan el acceso a los derechos básicos son estratégicas para contener las políticas públicas basadas en la cultura del odio, y sólo así podremos promover una cultura de respeto a los derechos humanos.

*Este texto forma parte del proyecto “(Re)conectar: aproximando personas para superar la violencia contra las escuelas”, realizado por el Instituto Aurora, con el apoyo institucional de L21.

are traditionally planned, fomented, and celebrated). The focus on mapping and dismantling groups that co-opt teenagers and young people is time-critical. By monitoring social networks, numerous people have been arrested this year, others are still being investigated, and possible actions motivated by extremism, racism, and misogyny have been dismantled, showing the effectiveness of this investigative and intelligence action.

At the same time, it is possible to monitor school incidents and civil police reports that show signs of escalating violence, to take more urgent action in these units, guided by Human Rights Education. If we are to have a society without extreme attacks on schools, we need to consider preventing violence at all levels, starting with everyday school practices and involving all public policies, such as health, culture, and social assistance.

Such social inequality and lack of public investment in access to quality public services contribute to disbelief in institutions and the breakdown of life in society. Public policies that guarantee access to basic rights are strategic in containing public policies based on a culture of hate, and only in this way will we be able to promote a culture of respect for human rights.

*This text is part of the project “(Re)connecting: bringing people together to overcome violence against schools”, carried out by the Aurora Institute, with institutional support from L21.

Translated by Janaína Ruviano da Silva

DANIELLE TSUCHIDA

Project Coordinator at the Sou da Paz Institute. She is a psychologist graduated from the PUC/SP, with experience in socio-educational measures and violence prevention.

DANIELLE TSUCHIDA

Coordinadora de Proyectos del Instituto Sou da Paz. Psicóloga graduada por la PUC/SP, con experiencia en medidas socioeducativas y prevención de la violencia.

ANDRÉ BAKKER DA SILVEIRA

Responsable de investigación y proyectos en el Instituto Aurora para Educación en Derechos Humanos. Tiene un Máster en Filosofía por la Universidad Federal de Paraná (UFPR) y es miembro titular de la Comisión Municipal de Derechos Humanos de Curitiba.

↳ Link <https://latinoamerica21.com/es/la-cultura-de-los-derechos-humanos-ga-nara-al-odio/>

↳ Publicaciones externas
Confidencial

ANDRÉ BAKKER DA SILVEIRA

Research and project manager at the Aurora Institute for Human Rights Education. He holds a Master's degree in Philosophy from the Federal University of Parana (UFPR) and is a full member of the Curitiba Municipal Human Rights Commission.

↳ Link
<https://latinoamerica21.com/en/will-the-culture-of-human-rights-overcome-hatred/>

Os artigos reunidos neste compêndio foram publicados no Latinoamérica21 em espanhol, português e inglês e em sua rede de mídia associada que inclui a Folha de São Paulo (Brasil), Clarín e Perfil (Argentina), El Universal e SinEmbargo (México), El Espectador (Colômbia), El Nacional e Tal Cual (Venezuela), El Universo (Equador), El Deber e Página Siete (Bolívia), El Observador e La Diaria (Uruguai), El Mostrador (Chile), Última Hora (Paraguai), El Faro (El Salvador), Confidencial (Nicarágua) e La Revista CR (Costa Rica).

ES Los artículos recopilados en este compendio fueron publicados en Latinoamérica21 en español, portugués e inglés y en su red de medios asociados que incluye Folha de São Paulo (Brasil), Clarín e Perfil (Argentina), El Universal y SinEmbargo (México), El Espectador (Colombia), El Nacional y Tal Cual (Venezuela), El Universo (Ecuador), El Deber y Página Siete (Bolivia), El Observador y La Diaria (Uruguay), El Mostrador (Chile), Última Hora (Paraguay), El Faro (El Salvador), Confidencial (Nicaragua) y La Revista CR (Costa Rica).

EN The articles collected in this compendium were published in Latinoamérica21 in Spanish, Portuguese and English and in its associated media network that includes Folha de São Paulo (Brazil), Clarín e Perfil (Argentina), El Universal and SinEmbargo (Mexico), El Espectador (Colombia), El Nacional and Tal Cual (Venezuela), El Universo (Ecuador), El Deber and Página Siete (Bolivia), El Observador and La Diaria (Uruguay), El Mostrador (Chile), Última Hora (Paraguay), El Faro (El Salvador), Confidencial (Nicaragua) and La Revista CR (Costa Rica).

AGRADECIMENTO AOS APOIADORES E APOIADORAS DO FINANCIAMENTO COLETIVO DO PROJETO (RE)CONECTAR

Gracias a los partidarios de la financiación colectiva del proyecto (Re)conectar
Thanks to the supporters in crowdfunding the (Re)connecting project

- Brenda Rafaeli Panicio de Lima
- Carmen Silveira
- Célia Beatriz Patto Martins
- Daniela Tupinambá Fernandes
- Dulcileia Lima
- Franklin Epiphany Gomes de Almeida
- Gabriele Garcia
- José Luiz Pinto da Silva
- Laercio Bravos
- Lucas Bravos
- Marcelo Alves Sena
- Rosa Maria Rodrigues Gazire Rossi
- Viviane Teles de Magalhães Araújo
- Wagner Clemente

re **conectar**
Aproximando pessoas
para superar a violência
às escolas

INSTITUTO
AURORA
EDUCAR EM DIREITOS HUMANOS

Latinoamérica21

ISBN: 978-65-982829-0-5

